



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



PEDRO NAZOKEMAI



ARQUITETURA HATI DOS HALITI: Atividades lúdicas na comunidade como forma de valorização da cultura

BARRA DO BUGRES

JULHO/2022



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGEII



PEDRO NAZOKEMAI

**ARQUITETURA HATI DOS HALITI: Atividades lúdicas na comunidade como
forma de valorização da cultura**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Educação Intercultural Indígena para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

BARRA DO BUGRES

JULHO/2022

FICHA CATALOGRÁFICA

PEDRO NAZOKEMAI**ARQUITETURA HATI DOS HALITI: Atividades lúdicas na comunidade como forma de valorização da cultura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 28 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira (PPGEII/UNEMAT)

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Rodrigues Paes (PPGEII/UNEMAT)

Examinadora Interna

Prof^a. Dr^a. Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira (PPGEII/UNEMAT)

Examinadora Interna

Prof. Dr. José Afonso Botura Portocarrero (UFMT)

Examinador Externo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização do território do povo Haliti	221
Figura 2 – Jovens retirando madeiramento da Hati	365
Figura 3 – Carregamento das madeiras para o meio de transporte até a aldeia	376
Figura 4 – Carregamento da madeira	387
Figura 5 – Travessas para a Hati	408
Figura 6 – Preparação da Hati	419
Figura 7 – Erguimento inicial da Hati (colocação dos esteios principais e laterais da Hati)	41
Figura 8 – Madeira já carregada e organização para prender os caibros (arcos) na carroceria do carro	44
Figura 9 – Montagem da casa	4543
Figura 10 – O resultado final da colocação dos caibros (arco)	4644
Figura 11 – Coleta da folha da guariroba	4745
Figura 12 – Organização da madeira usada para ripa na carroceria do carro para prender com corda	4846
Figura 13 – Palha para a cobertura da Hati	4947
Figura 14 – Coleta da folha da guariroba	5048
Figura 15 – Carregamento da palha de guariroba, cortada para local de referência para enfileiramento das palhas	5149
Figura 16 – Preparo da palha para a cobertura da Hati	5250
Figura 17 – Preparo da palha para a cobertura da Hati	5351
Figura 18 – Preparo da palha de guariroba finalizado para a cobertura	5452
Figura 19 – Ilustrando o ripamento da Hati	5553
Figura 20 – Início da cobertura da Hati com palha de guariroba	5654

Figura 21 – Cobertura da Hati com palha de guariroba	5755
Figura 22 – Cobertura da Hati quase sendo finalizada	5856
Figura 23 – Hati coberta	5957
Figura 24 – Resultado final da construção da Hati, na vista lateral	6058
Figura 25 – Resultado final da vista frontal da Hati	6159
Figura 26 – Interior da Hati	6361
Figura 27 – Hati ocupada	6462
Figura 28 – A Hati no território	6664
Figura 29 – Os artesanatos	6765

LISTA DE VOCABULÁRIO LINGUÍSTICO

Ako Akitiya - Aldeia celestial

Enore Tawakaihyore – Deus

Hati - Casa

Haliti hakolune – Casa de Haliti

Hati kaloreze – Casa grande

Hati enototalali – Casa principal

Haliti taikyahalitsonehare - Casa de Haliti

Kinyohalitinyae - ancestrais do povo Haiti Paresi

Kolohokoni - Mata alta

Kotaza- Esteio do meio da Hati

Kore waiyeze - Flecha sagrada

Iyamaka – Flauta Sagrada

Wazare – Líder Mítico

Waiyalala - Larvas de borboleta mariposa

Weteko - Pátio da aldeia

Matyae – Girau

Txihyali - Um instrumento sagrado parecido com besouro feito de cabaça

RESUMO

A presente pesquisa aborda o tema da arquitetura indígena e a sua inserção no currículo da educação escolar indígena Haliti Paresí. Trata das discussões sobre a inserção dos saberes indígenas nos currículos das escolas, tomando como referência para a reflexão e produção os conhecimentos relacionados à casa tradicional ou Hati. Os Haliti Paresí são falantes de uma língua da família Aruak e, atualmente, vivem em cerca de 64 aldeias distribuídas em seis terras indígenas já demarcadas, e em outras três em processo de demarcação. Anunciar o produto pedagógico. Assim, pensamos nos seguintes produtos pedagógicos Oficina com a comunidade sobre a importância da Hati.

Palavras-chave: Currículo. Educação Escolar Indígena. Interculturalidade. Hati.

TYOKALITSE IDYAETI

Eye zahekore atyo idyaeta haliti tyomitere aomazetaita haliti taikyahalitsonehare tahi zaotyakitsati koni kazomokaka maheta. Zahekore koni tyaona maheta halitinyae waiyorene zotyakala maniya zahekore hati nomaka tahi. Halitinyae atyo idyaeta Aruak hotyali idyaeti. Kalikini ferakene nae atyo 64 kwa wenakalati tyaonita. Eye wenakalatinyae atyo halakwa kahe hamaniya kahitihi hiye takwa waikyohekwa tyaonita. Eyenae atyo kozaka ekaiyohitsakahare ekaitserhare haliti waikyohera tyaonita. Hoka hanama waikyohe atyo maeha terota mahalitihiyare nae ekaitserhare kaiyohihyenere halitinyae ana.

Idyaeti – Ekaetserehare: Etahiyakahare. Zaotyakitsati zaidyatseti. Ahore. wikyomaniyere ahore. Hati.

ABSTRACT

This article is related to the subject of the indigenous school education curriculum Haliti Paresí. It deals with discussions about the insertion of indigenous knowledge in school curricula taking as a reference for reflection and production the knowledge related to the traditional house or Hati. The Haliti Paresí are speakers of a language of the Aruak family and currently live in around 64 villages spread across six indigenous lands already demarcated and three others in the process of demarcation.

Keywords: Curriculum. Indigenous School Education. Interculturality. Hati.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – AMBIÊNCIA HATI E VIDA HALITI PARESI.....	15
1.1 Caracterização dos Haliti Paresi.....	21
CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DO POVO HALITI PARESI E COMO ERA SUA HATI NESSE PERÍODO.....	21
2.1 Os Primeiros registros sobre a Hati.....	22
CAPÍTULO 3 – A ARQUITETURA HATI E O CURRÍCULO ESCOLAR.....	24
3.1 A Hati e seu contexto mitológico.....	30
3.2 A Hati e sua importância na pedagogia Haliti Paresi.....	32
3.3 Detalhamento da construção da Hati.....	34
3.4 A Hati da Iyamaka.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	70

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante de uma pesquisa intitulada “Arquitetura Hati dos Haliti: atividades lúdicas na comunidade como forma de valorização da cultura”, a qual se insere no âmbito do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação – *stricto sensu* – em Educação Intercultural Indígena, vinculado à Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

O foco de análise aborda a arquitetura indígena, mais especificamente, a Hati, cuja tradução significa a casa do povo Paresi. Nesse viés, procuramos apresentar os elementos da construção da casa tradicional, relacionando-os aos eixos e princípios da educação escolar indígena. Mais: trazer à tona o tema da inclusão dos saberes tradicionais no currículo da educação escolar indígena Haliti Paresi, e assim promover visibilidade a estes saberes próprios dos Paresi.

De modo geral, o objetivo da pesquisa foi o de apresentar as tecnologias Haliti Paresi na edificação da casa tradicional – Hati –, como saberes escolarizáveis, que podem contribuir substancialmente para as discussões sobre a educação escolar indígena, e ampliar as alternativas construtivas contemporâneas. O trabalho é voltado para as discussões sobre interculturalidade e responde às preocupações dos professores Haliti Paresi sobre a valorização de seus saberes.

Os objetivos específicos foram:

- a) Apreender os conhecimentos dos anciões e construtores nos processos de construção de uma Hati;
- b) Estudar a arquitetura da Hati como ferramenta didática para a discussão sobre as tecnologias construtivas indígenas, noções de sustentabilidade e sistemas próprios de medida e outros saberes matemáticos tradicionais;
- c) Socializar estas discussões em oficinas pedagógicas temáticas;
- d) Construir um acervo *on line* com o material produzido, destacando os desenhos que representem tecnologia e que possam ser apropriados pela sociedade em geral.

Merece relevo destacar que este Mestrado é profissional e, em razão disso, temos que apresentar um Produto Pedagógico do trabalho. Neste sentido, o percurso metodológico utilizado foi o início da realização das disciplinas no *campus*

da Unemat, em Barra do Bugres-MT, em janeiro e fevereiro de 2020, a finalização dessas disciplinas, que aconteceria de forma presencial em maio 2020, não acontecera em função da pandemia da Covid 19.

A gestão do Programa de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena seguiu a orientação da OMS (Organização Mundial da Saúde), a de manter o distanciamento social e, assim, terminamos todas as disciplinas de forma remota. Esse distanciamento foi muito difícil para nós que já estávamos acostumados com os encontros presenciais, com as conversas para entendermos melhor os conteúdos das disciplinas e direcionamentos acerca do planejamento e execução do produto pedagógico, inclusive, a que metodologia seguir.

Concomitante ao entendimento das disciplinas e a realização de suas tarefas, fizemos também oficinas na comunidade para discussão e produção do material didático (Produto Pedagógico), tomando como referência o amplo conjunto de saberes ancestrais que envolvem a construção da Hati – a casa tradicional. São esses saberes ancestrais que têm ajudado os nossos saberes e fazeres com a comunidade, sobretudo com nossos estudantes nas escolas, onde somos professores e é muito importante que eles preservem esses conhecimentos. Assim, pensamos nos seguintes produtos pedagógicos:

1. Oficina com a comunidade conforme fotos ao longo do trabalho;
2. Organização de um e-book com as fotos das atividades.

Este trabalho tem uma importância grande para mim e para a minha comunidade, uma vez que ele tem uma justificativa comunitária, pois desenvolver conhecimentos acerca dos saberes de edificação da casa Hati, requer um trabalho de pesquisa-ação ou ação na pesquisa, visando a intervenção em nossa realidade. Pois é de todo significativo enfatizar que a tecnologia ocidental, englobando a internet, é uma realidade nas aldeias. Contudo, sabemos que isso se reveste de aspectos tanto positivos quanto negativos, em outras palavras, ponderamos que há o lado bom e o lado ruim. O lado ruim é que os mais jovens estão perdendo a cultura e não estão valorizando o saber ancestral, e justamente por isso que todos os produtos pedagógicos que serão disponibilizados, por meio deste trabalho, ajudarão

sobretudo os mais jovens a valorizarem o saber ancestral e quem sabe manter nossos saberes e fazeres.

A casa Hati está circunscrita a uma variedade de significados, todos de elevada importância para a comunidade Haliti Paresi, como por exemplo, alguns deles significa proteção, descanso e também sedentarização, pois às vezes queremos ficar dentro dela em momentos de desânimo ou tristeza, mas carece de pontuar que a casa vai além de uma mera proteção e ou descanso noturno. A casa é cultura. Quando estudamos a cultura indígena, isso vai muito além, inclusive nos ajuda, a nós professores, a valorizarmos a nossa própria cultura.

Esta pesquisa trata da importância de se trabalhar nas escolas da Aldeia Rio Verde, questões que envolvem a preservação e o fortalecimento do conhecimento tradicional, o qual corre sério risco de desaparecer. E com o propósito de suscitar reflexões e visibilidade a esse problema, este trabalho reforça então a necessidade da inserção da arquitetura indígena no currículo escolar. A construção da casa revela elementos importantes da cosmovisão Haliti Paresi, princípios de sustentabilidade e cuidados com o ambiente, a terra e os conhecimentos tradicionais relacionados à concepção de medidas, e aos sistemas próprios de medida e outros saberes matemáticos.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além da tessitura de nossas considerações finais. O primeiro capítulo trata sobre a Hati, suas dimensões, bem como da caracterização dos Haliti Paresí. O segundo aborda como era a Hati dos Haliti na ancestralidade, além de trazer os primeiros registros sobre esta casa tradicional. O terceiro capítulo contém as informações acerca da Arquitetura Hati, estabelecendo relações com o currículo escolar. Por fim, as considerações finais trazem reflexões sobre a importância da Hati no contexto pedagógico do povo Haliti Paresi, fortalecendo sua identidade mediante um currículo escolar específico, diferenciado, e pensado também numa soma à discussão dos saberes tradicionais na sistematização da cultura na educação escolar indígena.

CAPÍTULO 1 – AMBIÊNCIA HATI E VIDA HALITI PARESI

Se não fosse a gente nem tinha mais essa área aqui. Eu fico satisfeito porque estou usando ela, né. A gente já lutou: Paresi, Formoso, Figueira, Estivadinho, Uirapuru, Ponte de Pedra, Estação Parecis, Juininha, aqui no Sacre, tudo lugar que a gente brigou desde bem pouca idade, pra gente garantir a terra, né. Eu não sabia porquê a gente brigava, arriscando a vida, morrendo, tirando fazendeiro, tudo armado e a gente enfrentando até polícia, é isso que eu estava dizendo, né. Por que o governo faz isso? Vende nossa terra! Por que não é dele! Por que fica fazendo porcaria? Até chamar polícia para tirar a gente da área?” “Até hoje eu falo, né. Muita luta, a gente não parava. Sem dinheiro, a gente ia para Cuiabá, Brasília, vendendo um colarzinho, de carona, sem nem poder viver mesmo. Justino, aldeia Chapada Azul. (PLANO DE GESTÃO HALITI-PARESI, 2019, p. 54).

Este capítulo visa traçar inicialmente aportes, contendo breves considerações respeitantes à comunidade Paresi, no estado de Mato Grosso. Sucessivamente apresenta recortes acerca da construção de uma Hati – casa do povo Haliti Paresi, abordando suas dimensões: social, física, tecnológica, ambiental e política. Serão tratadas questões que visibilizam as culturas e vivências do contexto Haliti Paresi.

Desse modo, começo a escritura deste capítulo, trazendo breves considerações a respeito do povo Haliti Paresi do qual sou integrante. Contudo, friso que dados mais aprofundados sobre a vida Haliti, encontram-se no Capítulo 2, nas páginas adiante, desta dissertação.

O vocábulo de autodenominação dos Paresí é *Haliti*, cuja tradução para a língua portuguesa, significa *gente*, em referência ao gênero humano, em oposição aos animais; e *povo* para indicar uma identidade mais inclusiva do grupo¹.

Observemos o que diz o estudo realizado pelo Instituto SocioAmbiental (ISA):

A palavra ‘Paresí’ não consta no léxico da língua, mas é o nome que, a partir do século XIX, passou a ser aplicado indiscriminadamente a grupos distintos de fala Aruak identificados por cronistas e estudiosos ao longo de cerca de dois séculos e meio de história do contato. Entre esses grupos destacam-se os Kazíniti, Wáimare, Kazárini (este último conhecido também como Kabizi), além dos Warére e Káwali. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil, 2023).

¹INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD> Acesso em: 13 mar. 2023,

O vocábulo *Paresi* foi registrado primeiramente na segunda década do século XVIII, por Antonio Pires de Campos, que ao subir o rio Sepotuba (situado no atual município de Tangará da Serra-MT), alcançou uma ampla chapada habitada por índios que nominou 'Parecis'. Mais: ao norte encontrou outra nação à qual nominou 'Mahibarez'; esses indígenas teriam usos e costumes idênticos aos "Parecis", diferenciando-se apenas em alguns termos da língua (INSTITUTO SOCIOAMBIENTTAL – ISA. Povos Indígenas no Brasil, 2023. On-line).

De acordo com o ISA, as áreas indígenas do povo Halitii Paresi situam-se semi-descontinuamente no estado de Mato Grosso, na margem do cerrado amazônico, a oeste de Cuiabá. O povo Paresi fala uma língua da família *Arawak*, ramo *Arawak* do sul, da qual seu representante mais próximo é o *Enawenê-Nawê*, falado em território mais ao norte. Os vizinhos mais próximos são os *Nambikwara* (família Nambikwara) em áreas indígenas ao norte e sudoeste da porção Paresi, com quem estabelecem contatos mais intensos na atualidade.

A cultura dos Haliti Paresi é bastante singular, porém diversa: "Temos diversos rituais, como o da pintura tradicional, o funeral indígena e o ritual de passagem da menina moça, que são importantes para preservar a nossa cultura e fortalecer as relações na comunidade" (RONY AZOINAYEE, 2022, p. 1, *on-line*). Também dentro da cultura Hatili Paresi, é de todo significativo chamar a atenção para a edificação da casa Hati.

A Hati, termo atribuído à casa tradicional, desde os princípios da história dos Haliti, é a referência central de sua identidade, organização sociocultural e territorialidade. Também há um conjunto extenso e complexo de conhecimentos relacionados à construção da Hati, os quais têm importante significado para o povo Haliti Paresi. Isso porque dentro da Hati acontece a pedagogia indígena e suas organizações socioculturais no contexto de aprendizagem que envolve a espiritualidade, das festas e dos rituais (NAZOKEMAI; PEREIRA, 2021, p. 3).

A arquitetura Hati atende às seguintes dimensões: social, física, tecnológica, ambiental e política. Em seu aspecto social, o projeto arquitetônico procura atender as dimensões, segundo o contexto cosmológico do povo Haliti Paresi, que deve seguir as regras e normas de ocupação. Na parte interna da Hati não há distinção de classe e espaço de ocupação, por isso não existem divisões, como as de uma casa

de alvenaria. A Hati é bem característica, pois tem duas aberturas para entrada e saída. Uma porta é voltada para o *Weteko* (pátio da aldeia), para o lado leste, onde o sol nasce e a outra porta fica para o lado oeste, onde o sol se põe, somente nesta parte da casa se pode fazer a fogueira e o girau (*Matyae*) acima do local da fogueira. Nesse espaço, são guardados a massa de mandioca, o polvilho, a carne de caça, ou seja, a Hati é muito importante para a nossa alimentação. Nesse sentido, nós professores devemos trabalhar sobre a importância cultural e identitária que a Hati nos proporciona e, por esta razão, ela deve estar inserida no currículo da escola. Por exemplo, é de suma importância mencionar que, para a nossa memória, a sepultura do ente querido que é feita dentro da Hati, preferencialmente sempre no centro do lado onde não tem fogueira e Girau. São culturas e vivências a serem consideradas no contexto Haliti.

O ritual do sepultamento de ente querido dentro da Hati, faz parte da cultura do povo Haliti Paresi, para que o espírito do ente querido descanse em paz na *Ako Akitiya* (aldeia celestial), para onde vão todos os Haliti quando morrem; o espírito da pessoa vai para o campo celestial, onde foi designado no momento do batismo quando ele recebeu o nome tradicional do seu povo. Por isso, na hora do sepultamento, a cabeça do ente querido sempre é colocada no sentido do pôr do sol, e este é um momento muito difícil para os familiares, quando os choros, murmúrios são ouvidos a noite inteira.

O velório geralmente é de um dia e uma noite, para que assim todos os familiares possam se despedir do falecido; a cova sempre é preparada no amanhecer do dia seguinte, e não é qualquer um que pode fazer o preparo da cova para o sepultamento. O formato da cova é retangular, com a largura e o comprimento dependendo do tamanho do corpo. A profundidade varia de 2 a 2,5 metros. Antes do sepultamento do corpo, também é feito o ritual de último banho do ente querido, e não é qualquer pessoa que lava ou dá banho no falecido, tanto é que os cavadores de cova e a pessoa que lava o corpo são pessoas fortes emocionalmente e espiritualmente.

Para o povo Haliti dar o último banho antes de sepultar o ente querido é importante, porque nesse ritual, ao passar a água, aparecem sinais sobrenaturais, como sinais de feitiçaria, marcas de seres sobrenaturais, sinais e desenhos da flauta sagrada. Dependendo de quais destes sinais aparecer, os familiares e as pessoas

presentes compreendem qual foi o fator espiritual e sobrenatural da causa da morte do ente querido. O momento do velório, do preparo da cova, do banho do falecido e o momento do sepultamento não pode ser visto pelas grávidas e nem pelos pais de crianças recém-nascidos, porque isso pode adoecer a criança espiritualmente. Antigamente, na hora do sepultamento, o corpo era colocado na rede e enrolado, e por cima era colocado folhas de guariroba e era feito o enterro com a areia, mas, atualmente, os corpos são colocados dentro do caixão, por cima é colocada tábua e lona, e assim é feito o enterro com areia.

Dentro da Hati existem três esteios, o principal e sagrado é o que fica no meio e no centro da Hati, onde é colocado a cabaça com chicha, *cigarros* para os espíritos, *Enore* (Deus). Também é nesse esteio que é colocado Kore *waiyeze* (flecha sagrada), *txihyali* (um instrumento parecido com besouro feito de cabaça) e *zero* (uma flauta de pá); esses três são instrumentos sagrados que todos podem ver, diferente da *iyamaka* (flauta sagrada), que somente os homens podem ver. As redes são armadas em qualquer parte e canto da Hati.

A Hati foi projetada para abrigar, servir como moradia e também para se fazer as práticas de rituais, cerimônias, assim como vivenciar momentos de alegria nas festas e momentos de tristeza, como no momento de luto. O grande líder ancestral Wazare mentalizou, planejou o surgimento da Hati e deixou de legado para o seu povo para que jamais deixassem de praticar a cultura e não deixarem a cultura adormecer, porque a Hati é um dos pilares da essência e identidade do povo Haliti Paresi.

O aspecto físico e tecnológico de uma Hati do povo Haliti Paresi é regido por normas e regras e principalmente pelo contexto cosmológico, condições vindas desde a ancestralidade. Por isso que a Hati é construída no lugar escolhido e no tempo certo, as matérias primas utilizadas na construção da Hati são retiradas de certos lugares e pontos da mata fechada, são certos lugares e pontos onde são encontrados os tipos de madeira usados na construção da Hati.

As palhas usadas na cobertura, como a guariroba, são encontradas no cerrado, mas assim como a madeira, também existem certos lugares e pontos. O buriti se encontra nas nascentes dos rios, na beira dos rios ao longo do percurso e

na beira de matas fechadas, mas existem lugares e pontos onde é encontrado o pé de buritis em abundância.

Para que a Hati tenha mais durabilidade e resistência deve seguir as normas e regras que existem na cultura Haliti em termos de aspecto físico como, por exemplo, o tempo certo de retirada de madeiramento, deve-se usar a madeira adequada e exclusiva para a Hati.

O tempo propício de fazer uma Hati é no período de seca. No passado eram somente usados materiais primitivos na construção da Hati, principalmente na hora de armação das vigas no esteio, assim como a armação do caibro (arco) nas vigas. Atualmente, para esta finalidade e para ter mais segurança e reforçar a armação da Hati são utilizados pregos, arames e parafusos.

Em relação a questão ambiental, a construção de uma Hati, no passado, antes do contato com a sociedade não indígena, pode-se dizer que era mais fácil para conseguir matéria-prima. Contudo, com a invasão do território tradicional, a matéria-prima, que antes era abundante hoje não é mais. A situação se agravou com a delimitação dos territórios Haliti Paresi, pois muitos lugares que têm matérias-primas para a construção da Hati, ficaram de fora da terra indígena.

Importante ressaltar que não é qualquer tipo de madeiramento que é usado como matéria-prima na construção da Hati, e os lugares que estão dentro do território, com o passar dos anos, e com a demanda grande, têm as matérias-primas, mas já não são tão abundantes como eram no passado. Por isso, na maioria das vezes, para construção da Hati, é preciso ir longe da aldeia para buscar esses materiais. Desde os tempos primórdios, a retirada das matérias-primas é feita de forma controlada, pois a maioria delas, depois que é retirada do local, renasce, mas leva anos para chegar ao ponto ideal para ser usada, como é o caso da madeira utilizada para esteio, viga e caibro (arco). Agora, a palha usada na cobertura da Hati – como a palha de guariroba e buriti – leva só alguns meses para se restabelecer depois de cortada.

A queimada descontrolada dos locais onde têm essas matérias-primas, para cobertura da Hati, é um dos desafios que, muitas vezes, dificulta na sua construção, principalmente no que diz respeito à colheita da guariroba, que fica no meio do cerrado. Mas nos últimos anos com a criação de brigadas indígenas de Prevenção

do Fogo, vinculadas ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), as queimadas dentro da terra indígena diminuíram e foram controladas. E, quanto ao buriti, existe uma grande preocupação, porque atualmente a forma e a técnica de como é retirado pelo indígena, está sendo diferente, pois no passado somente era tirada a folha do talo do buriti. Mas, hoje em dia, na maioria das vezes o indígena derruba o pé inteiro, fazendo com que diminua a flora específica referente a esta planta, uma vez que leva anos para um pé de buriti chegar à fase adulta, ou seja, a forma de manejo primitivo não está mais sendo seguida, mas existem ainda pessoas que seguem o correto manejo ao retirar esta matéria-prima para usar como cobertura de Hati.

A Hati é preferencialmente construída no período da seca, primeiro porque o lugar onde se encontra a obra prima nem sempre é de fácil acesso e também porque a qualidade e resistência da construção é melhor. Em relação à palha, é importante registrar que o período da seca é primordial para que larvas de borboletas e mariposas (waiyalala) não a estrague, pois, elas podem causar uma deterioração prematura da cobertura da Hati.

A dimensão política de uma Hati do povo Haliti Paresi, é ampla e infinita, porque esta dimensão é um conhecimento milenar, é importante ressaltar que a construção de uma Hati vai desde a escolha do local, das técnicas de construção, da cosmologia Haliti e de suas crenças.

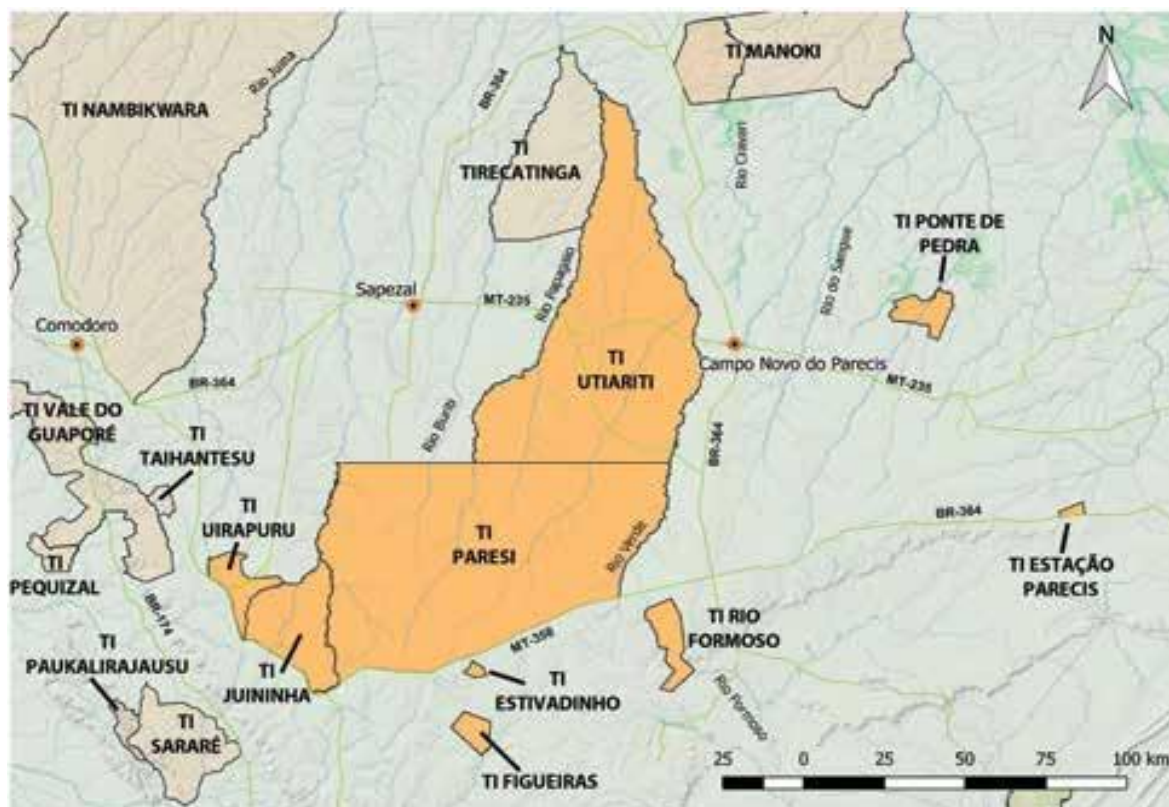
Citarei a seguir alguns exemplos de hatis do povo Haliti: tem Hati que é só para moradia familiar, e essas casas tradicionais geralmente são pequenas de 10 a 16 metros, tem também a casa principal (Hati kaloreze), que geralmente é a casa mais grande da aldeia onde são realizadas as festas tradicionais, rituais e cerimoniais importantes na cultura Haliti. Geralmente, quem pode ter uma hati kaloreze são o cacique, o pajé, o ancião (detentor de conhecimentos tradicionais e milenares do povo Haliti). A Hati kaloreze varia de 18 a 24 metros, tem a hati iyamaka hana (casa da flauta sagrada), que é a menor casa de todas as Hati que fica na lateral do pátio com a porta sempre voltada para o pátio da aldeia; iyamaka é um instrumento sagrado parecido com uma flauta, e que somente homem pode ver; a mulher depois de se tornar menina moça não pode vê-la, porque é proibido, se ela chegar a ver esse instrumento, poderá ficar doente e falecer.

O local onde a Hati será construída, muitas vezes é indicado pelo pajé e, frequentemente esta indicação vem por meio de sonho, em que um ente querido, pessoas do antepassado, através do sonho, mostram o local em que se deverá construir a Hati. Nem todas as aldeias e famílias possuem a flauta sagrada, por isso a casa de flauta sagrada, citada no parágrafo anterior, não pode ser vista em todas as aldeias Haliti, somente as famílias de linhagem tradicional possuem esse instrumento sagrado que é passado de geração a geração.

1.1 Caracterização dos Haliti Paresi

Os Haliti Paresi são falantes de uma língua da família Aruak. Atualmente vivem em cerca de 64 aldeias distribuídas em terras indígenas já demarcadas e outras em processo de demarcação. O território Haliti Paresi ocupa as áreas dos municípios de Campo Novo do Parecis, Sapezal, Nova Lacerda, Nova Marilândia, Diamantino, Conquista do Oeste, Barra do Bugres e Campos de Júlio e Tangará da Serra, em que 52% deste município pertence a terra indígena Paresi, onde está localizada a aldeia Rio Verde na qual sou morador (figura 1):

Figura 1 – Mapa de localização do território do povo Haliti



Fonte: OPAN (2017).

São nove terras indígenas demarcadas dentro do território Haliti, apresentadas na tabela 1, subsequente. Esse território totaliza uma extensão de 1.118.916 (Um milhão, cento e dezoito mil, novecentos e dezesseis hectares), onde está distribuída a população de 2.186 habitantes, segundo informações coletadas no Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI, 2017) de Tangara da Serra, onde se situam 64 aldeias na área Paresi, sendo uma delas aquela que eu vivo (tabela 1):

Tabela 1: Distribuição por município das terras indígenas

TERRAS HABITADAS	SITUAÇÃO JURÍDICA EXTENSÃO	MUNICÍPIO
PARESI	Homologada por Decreto 287-30/10/1991 – 563.586 hectares	Tangará da Serra
UTIARITI	Homologada por Decreto 261 – 30/10/1991 – 412.304 hectares	Campo Novo do Parecis e Sapezal

RIO FORMOSO	Homologada por Decreto 391 – 26/12/1991 – 19.749 hectares	Tangará da Serra
JUININHA	Homologada por Decreto S/N – 05/10/1993 – 70.537 hectares	Conquista do Oeste
ESTIVADINHO	Homologada por Decreto S/N – 13/08/1993. – 2.032 hectares	Tangará da Serra
FIGUEIRAS	Homologada por Decreto S/N – 04/07/1995 – 9.858 hectares	Tangará da Serra e Barra do Bugres
UIRAPURU	Declarada por Portaria 497 – 23/03/2009 – 21.680 hectares	Campos de Julio e Nova Lacerda
PONTE DE PEDRA	Declaragada por Portaria 3.078 – 28/09/2010. – 17.000 hectares	Campo Novo do Parecis
ESTAÇÃO PARECIS	Declaragada por Portaria 480 – 20/04/2016. – 2.170 hectares	Diamantino e Nova Marilandia

Fonte: Plano de Gestão Haliti Paresi (2019, p. 68).

Conforme relato dos mais antigos o povo Haliti habitava na região do cerrado, nos limites do norte, e ao sul da bacia do Paraguai. As aldeias Haliti se espalhavam desde o rio Arinos até os rios Guaporé e Juruena:

As formas de uso e ocupação dos diferentes espaços de nosso território se relacionam ao tipo de ambiente de cada região, combinando com o tipo de cobertura vegetal existente ali. Por exemplo: as madeiras utilizadas para construções diversas são extraídas de áreas de matas altas (kolohokoni), geralmente localizadas nas margens dos rios. (PLANO DE GESTÃO HALITI – PARESI, 2019, p. 66)

O bandeirante Antônio Pires de Campos, em seu primeiro registro, em 1718, sobre o povo Haliti Paresi diz que “[...] este reino é tão grande e dilatado que se lhe não tem dado com o fim”. Percebe-se aí a admiração que Campos teve ao adentrar em no território Paresi.

Outros autores importantes também falaram sobre o território do povo, registrando a importância, riqueza e grandeza:

Neste século muitos autores falaram sobre os Paresi (mapas e relatos de autores como Roquette-Pinto (1975), Rondon (1912 a 1940), Schimdt (1943), Costa (1985), Machado (1994) e muitos outros) indicando que o território que ocupavam no início do século XX se estendia da margem

direita do rio Juruena até quase a margem esquerda do rio Arinos, no noroeste do estado de Mato Grosso. (PLANO DE GESTÃO HALITI – PARESI, 2019, p.19)

Infelizmente este período de fartura e grandeza do território não durou muito, o período da escravidão impactou também os povos indígenas para trabalhos forçados em busca do outro. E a partir disso, o território foi diminuindo tomado pelas fazendas que foram crescendo em sua volta, assim como vilarejos que mais tarde tornaram-se cidades, causando aos Paresi a diminuição do seu território e a luta para não perdê-lo.

CAPÍTULO 2 – A ORIGEM DO POVO HALITI PARESI E COMO ERA SUA HATI NESSE PERÍODO

Este capítulo intenciona apresentar antecedentes históricos acerca da origem do povo Haliti Paresi; os primeiros registros sobre a Hati, e ainda os modos de construção com base nos registros de Antônio Pires de Campos, do pesquisador Portocarrero e no Plano de Gestão Haliti Paresi, e ainda, de acordo com as minhas vivências próprias como integrante do contexto Haliti Paresi,

Conforme a mitologia de origem do povo Haliti, na ancestralidade primitiva, eles viviam embaixo do subsolo de uma pedra que era a primeira Hati ou moradia que tiveram. Na verdade, não era uma simples pedra, porque as histórias e as narrativas deixam claro que na natureza a casa, a moradia e o habitat dos seres vivos são construídos pela própria natureza, conforme o ambiente que necessita.

Lagoa e lago são casa dos peixes e da sucuri; uma árvore alta e enorme é casa da onça e aves; uma montanha e serras são casas de outros seres e espíritos da natureza; a mata, floresta, o cerrado, os campos, as cabeceiras de nascentes de rio são *habitat* de diversos animais, tudo isso, ao olhar do ser humano, é simplesmente a beleza da natureza, mas para a cosmologia Haliti Paresi tem um grande significado.

Segundo os relatos e afirmações dos anciões, os ancestrais dos Paresi saíram de dentro de uma pedra, onde Enoharetse (Deus) fez abertura com um golpe de raio e depois Waitataretse (pica-pau cabeça vermelha) aumentou a rachadura na pedra, e foi dessa abertura que Wazare, o líder mítico do povo Haliti, saiu junto com seus irmãos para povoar este planeta terra.

Após saírem da pedra e se espalharem pela terra, cada irmão construiu a sua Hati, conforme a sua necessidade e a importância de convivência cultural. Um dos irmãos de Wazare, chamado Koitihyore, o líder mítico dos Imuti (não indígenas), também se organizou com o seu povo. Ao chegarem a este território descobriram riquezas ambientais compostos de: rios, animais, matas, cerrado, campos, ar puro,

flores, frutos, sol iluminado, da lua e das estrelas, enfim, de todas as coisas criadas pelo toakayhore-Enore, que propiciaria mais condições de permitir a criação dos filhos de uma forma mais segura e saudável (AZONAYCE PARESI, 2006).

Os estudos científicos comprovam que os primitivos viviam dentro das cavernas fazendo delas a sua moradia, e com passar dos tempos, e a cada geração, foram construindo as casas, conforme a necessidade e também de acordo com a evolução de cada geração. Assim também na história e na antropologia tradicional do povo Haliti Paresi, desde os tempos memoriais, aconteceram grandes evoluções em relação à construção da Hati, mas sempre tendo o cuidado de manter a essência da casa tradicional conforme as suas origens.

2.1 Os primeiros registros sobre a Hati

Durante o processo da invasão do Brasil até os dias atuais não há muitos registros feitos sobre a Hati, porém os poucos foram muito bem feitos e podemos analisá-los com muitos detalhes. O que se vê são algumas anotações encontradas como do bandeirante Antônio Pires de Campo, que é muito citado neste trabalho e em outros se tratando do povo Paresi, pois se fez registros importantes como este em 1718 ao encontrar pela primeira vez como povo:

Naquelas dilatadas chapadas habitam os Parecis, reino mui dilatado, e todas as águas correm para o Norte. É esta gente em tanta quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou aldeias, muitas vezes em um dia de marcha se lhe passam dez ou doze aldeias, em cada uma d'estas tem dez até trinta casas, e nestas casas se acham algumas de, 30 até 40 passos largos e são redondas de feito de um forno, mui altas e em cada uma d'estas casas agasalhará toda uma família; [...]. (PLANO DE GESTÃO HALITI – PARESI, 2019, p.17)

Em 1907, Rondon fez algumas anotações muito bem observadas sobre a Hati do povo Paresi, e sobre o assunto, no livro de Portocarrero, encontrei a seguinte transcrição:

Para construir uma das suas grandes casas traçam no chão o contorno da futura habitação e fincam 3 a 4 esteios feitos com as madeiras que denominam Tonoêto e Makúriceurê, as quais segundo afirmam, resistem muito as causas de destruição, uma vez enterradas no solo. Foi mesmo por isso que os adaptei para o mister de postes telegraphicos. A cobertura

dessas casas é feita com palha de sapé, as folhas de pacova, da malá-malá e raramente de burity. (PORTOCARRERO, 2010, p.152)

Rondon, de acordo com Portocarrero (2010), observou de modo muito detalhado o preparo de uma Hati e assim tomou para si a aprendizagem para que pudesse somar ao trabalho realizado na construção das linhas telegráficas. É importante observar que os conhecimentos trocados possibilitam novas formas de melhorar um trabalho e Rondon fez questão de registrar esse momento.

Portocarrero (2010) registrou vários modelos da diversidade de moradias que têm aqui no estado de Mato Grosso, e entre elas está a Hati do povo Haliti Paresi, conforme um trecho do livro, citado em passo anterior, no qual ele fala sobre as observações de Rondon.

Para Portocarrero (2010), a planta da Hati pode ser redonda e oval, dando-nos a entender que a Hati foi se moldando e se adaptando ao longo do tempo, conforme as necessidades do povo Haliti. O piso da casa Hati era feito com terra de formigueiro, socada com água, formando uma camada dura e lisa, de acordo com os mais antigos da aldeia Kotitiko. As Hati construídas sempre apresentam variação de tamanho, mas a forma se mantém (PORTOCARRERO, 2010).

Tantos detalhes ricos nestes materiais que possibilitam que mesmo depois de anos, se possa compreender a arquitetura da Hati, podendo assim fortalecer o conhecimento sobre ela.

CAPÍTULO 3 – A ARQUITETURA HATI E O CURRÍCULO ESCOLAR

Este capítulo tem o objetivo de trazer elementos e reflexões acerca da educação escolar no contexto indígena Haliti, relacionando-a à importância do ensino da arquitetura da Hati e sua conexão com o currículo escolar, de modo que a discussão venha a contribuir para o fortalecimento de um ensino diferenciado das crianças Haliti, e assim proporcionar conhecimentos e informações que favoreçam a implementação de políticas públicas que reforcem o currículo escolar indígena, com uma educação específica, diferenciada e de qualidade.

De modo geral, a educação dentro do contexto indígena se dá primeiro através do ensino informal, no qual a criança já passa a adquirir conhecimento no convívio da família e, só depois, no período da idade escolar no ensino formal, através da escola, passando a fazer parte do processo de ensino-aprendizagem das crianças.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN n. 9.394/1996 – foi conquistada em 20 de dezembro de 1996, garantindo a nós, povos indígenas do Brasil, uma educação baseada na cultura, mantendo-a e resgatando-a através da educação. Por isso que, entre tantos ensinamentos, o ensino da Hati nas escolas indígenas Hati Paresi, é realizado.

Como dito em passo anterior, a Hati, palavra que designa a casa tradicional, desde os primórdios da história dos Haliti, é a referência central de sua identidade, organização sociocultural e territorialidade, havendo assim um conjunto extenso e complexo de conhecimentos relacionados com a construção da Hati, tendo muito significado para o povo Haliti Paresi. Pois dentro da Hati acontece a pedagogia indígena e suas organizações socioculturais no contexto de aprendizagem que envolve a espiritualidade, as festas e rituais.

A construção da Hati está dentro da pedagogia indígena, reconhecendo a arquitetura tradicional do povo Haliti Paresi e seus significados culturais os quais são trabalhados dentro da sala de aula para a sua preservação e o seu fortalecimento no contexto da Educação Escolar do povo Haliti Paresi.

A história da educação escolar indígena no Brasil remonta o período colonial; a educação jesuíta foi um modelo educacional que impunha identidades do opressor. Não houve assim valorização dos saberes e fazeres indígenas, e é justamente por isso que hoje as escolas indígenas têm dificuldade, inclusive, de pensar sobre a cultura do nosso próprio povo.

A demanda por uma educação e um currículo diferenciado tem sido cada vez mais intensa desde que os primeiros indígenas começaram a estudar através de vários projetos de formação. Falar do curriculum no contexto da Educação Escolar Indígena é muito amplo e de grande relevância para o ensino e a aprendizagem da criança Haliti. E não é diferente na Educação Haliti quando fala da importância do ensino da arquitetura Hati dentro da sala de aula, pelo fato de que envolve diversos temas geradores que são desenvolvidos de forma transversal dentro das disciplinas trabalhadas.

Porém, ainda enfrentamos grandes desafios pela falta de reconhecimento da diversidade cultural e as especificidades da Educação Escolar Indígena, por parte das secretarias estadual e municipais de Educação. A ideia deste trabalho é para ajudar e fortalecer o ensino diferenciado dos educandos Haliti, também atenuar os desafios, e assim venha a implementar o Currículo que realmente reforce a escola indígena específica, diferenciada e de qualidade.

A seguir, na tabela 2, podemos observar os conteúdos temáticos, que se pode ensinar, tomando como a base a Hati:

Tabela 2: Conteúdos com base no ensino da Hati

Educação Tradicional	HATI		Território
Organização Política			Língua
Prática de Caça			Histórias
Pintura Corporal			Religião
Construção da Casa			Alimentação
Ervas Medicinais			Pajelança
Formas de Contagem			Indumentária
Visão Cosmológica			Casamento
Roças			Natureza
Dança			Festa
Cântico			Oferenda
Rezas			Cerimônia de sepultamento

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A ideia de trabalhar com temas geradores remete aos ensinamentos de Paulo Freire (1993). Os temas geradores permitem o trabalho intercultural, uma vez que dialoga com várias áreas do conhecimento além de valorizar o conhecimento local, isto é, a nossa identidade a qual procuramos preservar por entender que identidade também é poder, assim como a língua materna é poder da nossa própria comunidade. A pedagogia freireana (2015) nos permite manter essa epistemologia profunda que é o conhecimento de nosso próprio povo:

Vê-se assim que a busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente - objeto cognoscível, rompendo a 'estrutura dialógica' do conhecimento, está equivocada, por maior que seja a sua tradição. Equivocada também está a concepção segundo a qual o quefazer educativo é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber. (FREIRE, 1993, p.68)

Ao ensinar sobre a Hati de forma interdisciplinar para nossos alunos e alunas, nós queremos romper com essa ideia da ciência trabalhada em caixinha e separada. Essa ideia positivista de ciência nos impede de ver o mundo de forma global. E nós queremos que nossos alunos e alunas, por meio da construção do conhecimento da arquitetura indígena da Hati, aprenda a consciência do mundo, do ser mais, do ser gente, como bem nos ensina Freire (1993). A educação bancária a qual tanto denunciou Freire (2015), é isso, o que nos afasta da construção efetivamente do conhecimento, é por esta razão que Freire também preconizou a educação popular, os círculos de cultura. E ninguém melhor do que nós que somos povos indígenas e que dialogamos com o nosso povo no interior da Hati. Nós sim, nós fazemos educação popular, nós fazemos os círculos de cultura e nós fazemos as epistemologias do Sul como ensina Santos (2010).

A educação bancária trabalha com concepções de verdades absolutas e as epistemologias do sul ou a fenomenologia da percepção que ampara nossa visão de mundo não permite a educação bancária. A educação bancária não ajuda, não educa para a reflexão do mundo. A educação bancária vê os alunos como um tijolo e nós pensamos diferente. Nós pensamos que alunos e alunas constroem o conhecimento. Na educação bancária:

[...] os grandes arquivados são os homens [...] porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nessa distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1993, p.58)

O positivismo vê tudo em caixinha e isso é bom para a dimensão política na qual o povo é tratado como massa de manobra. Além de que hoje também estamos vivendo o máximo do avanço científico, informacional e tecnológico como amplamente estudado por Santos (2003), que previa que a técnica chegaria em todos os lugares e, hoje, na aldeia, estamos disputando com o celular que as vezes afasta nossos jovens do interesse do saber tradicional.

O positivismo afasta tudo, as disciplinas são ensinadas em caixinhas e há essa dificuldade de compreender a Hati de forma agregada a várias áreas do conhecimento como a matemática, a geometria, a língua. Zitkoski (1996) também denuncia que essas delimitações são nocivas à compreensão do mundo.

3.1 A Hati e seu contexto mitológico

Para nós, indígenas, as histórias que os anciões carregam em suas memórias são partes centrais da nossa cultura, pois consideramos que todas as coisas têm sua história, o porquê de existir e, por isto, este subtítulo se faz tão necessário.

Após sair de debaixo do subsolo de uma pedra com o seu povo, Wazare começou a caminhar e fazer as demarcações dos territórios, nomeando os rios e suas cabeceiras, cachoeiras, chapadões, serras e montanhas, cerrados e florestas, fazendo toda a organização da natureza e dos territórios para as futuras gerações. Assim, Wazare também passou a pensar no projeto de construção de moradia para acomodar o seu povo. Para que o projeto fosse executado, ele teve que procurar os arquitetos, segundo as narrativas dos anciões, começando pelas aves esse relato é da Anciã Jamini Zemozakaero de 91 ano:

Para construir a Hati Wazare deu a missão aos pássaros, primeiro foi a perdiz, fez a cobertura da hati com suas próprias penas, porém o primeiro vento que passou desmanchou a cobertura; então foi a vez da saracura fazer a cobertura com as penas novamente o vento passou e desmanchou

de novo, foi a vez do macuco, jacu e outros pássaros, mas aconteceu a mesma coisa. Assim chegou a vez do homem e Wazare deu a missão a ele para realizar a construção da hati. No início o homem fez a cobertura com o sapé e deu certo, com o passar dos tempos passaram a utilizar folhas de outras plantas como a folha de pacova e folha de buriti para melhorar e fortalecer a cobertura. Essa é a estrutura de origem da Hati. A cobertura da Hati com a folha de guariroba começou a ser feita faz algumas décadas atrás. Hoje a maioria das Hati são coberta com folha de guariroba. Imemoria João Arrezomae cacique geral do povo Haliti foi o pioneiro, assim construindo a primeira Hati com cobertura de guariroba.

É interessante destacar a parte estrutural e o formato da Hati, que tudo tem seus princípios e significados cosmológicos no contexto da cultura e crença do povo Haliti Paresi, cada parte da estrutura física tem sua função e tem ligação com a espiritualidade, algo que está junto ou está dentro da parte desta estrutura, por exemplo, o esteio do meio da Hati chamado de Kotazakatse, em que ficam os instrumentos sagrados que são Kore Waiyeze (flecha sagrada), Txihali (instrumento confeccionado de uma parte da cabaça) e Zero (flauta sagrada). Essa flauta sagrada é diferente das outras flautas maiores, é o único que as mulheres podem ver (como já citado, há flechas sagradas que mulheres não podem ver). É para a junção desses instrumentos sagrados e o espírito que se abriga dentro do Kotazakatse que os Haliti colocam os alimentos e as bebidas tradicionais, e também outros alimentos para realizar oferenda aos espíritos.

A seguir, apresento o relato do Pajé Joãozinho Akonoizokae, de 67 anos de idade:

Quando deu o dilúvio no planeta Terra o povo Haliti foi subir na ponta do Tyolore, a montanha mais alta que tem no território Haliti, na época tinha uma mocinha que acabou de ter a sua primeira menstruação e ela estava reclusa, seguindo todo o ritual como reza a cultura. Essa moça era trabalhadeira e sempre fazia chicha, uma bebida tradicional preparada de milho, polvilho e raspa de mandioca. Com o acontecimento do dilúvio, os pais e familiares fugiram para Tyolore e deixaram ela só, por estar menstruada não deu para ela ir junto com os pais, se os pais a levassem com eles todos seriam devorados pela mãe da água, por esse fato, preferiu ser sacrificada pela vida de todos. Assim que ficou sozinha começou a chorar desesperada porque a água vinha com toda força cobrindo tudo o que encontrava pela frente, nesse momento, Kotazakatse estralou e abriu um espaço sagrado, então uma voz disse à menina moça: - Venha cá sobrinha eu vou proteger e esconder você aqui, porque você é uma menina boa, pura e trabalhadeira, graças a você eu não passo fome e nem sede. Assim, a menina entrou dentro do Kotaza e se fechou novamente, após muito tempo terminou o dilúvio, aí Kotaza disse para a menina: - Sobrinha o dilúvio acabou saia agora e prepara chicha e comidas que hoje os seus pais estão chegando; a moça toda feliz iniciou os preparativos de alimentos para recepcionar os pais que desceram da montanha Tyolore e foram para casa

chorando de tristeza, pensando que a filha havia morrido. Quando se aproximaram da aldeia, tiveram uma grande surpresa, avistaram fumaça da Hati. Aí eles se apressaram para ver quem é que estava dentro da aldeia e nessas alturas a menina-moça saiu ao encontro dos pais e ela disse: - Vem para cá, pare de chorar, estou viva. Assim a mesma relatou aos pais o que tinha acontecido, assim o pajé finalizou a narrativa. (Joãozinho Akonoizokae – relato editado).

Por isso Kotaza, o esteio do meio da Hati, é respeitado, e têm princípios cosmológico que o povo Haliti preserva e conserva esta crença. Vale destacar que o objetivo desta dissertação foi buscar o meio que fortaleça e preserve esta crença importante na cultura milenar dos Haliti, e também o inserir no currículo da escola Haliti, para que seja trabalhado dentro da sala de aula.

Diante da mitologia da Hati, podemos confirmar a importância da cultura e de tudo que a engloba (histórias, línguas, cantos, rezas etc.) estar interligada a educação formal, principalmente para as novas gerações como fortalecimento da identidade do indivíduo e do povo.

3.2 A Hati e sua importância na pedagogia Haliti Paresi

O povo Haliti Paresi teve seu primeiro contato com a educação formal com Cândido Rondon, em 1910, no período em que trabalhou com as instalações das linhas telegráficas, onde ele construiu um internato na aldeia Ponte de Pedra, que logo depois foi transferido para a aldeia Utiariti, seguindo métodos militares com o objetivo de inserir o indígena na sociedade dos brancos por meio da mão de obra.

Já em 1945 a 1970, conforme o Plano de Gestão (2019, p. 24), a educação passou a ser ordenada pela Missão Anchieta, através dos missionários jesuítas, ainda no Utiariti, com o triste objetivo de desqualificar a cultura do povo e catequizá-lo.

A partir de 1945, Utiariti se tornou um internato educacional nos grupos indígenas na região, vários de contato recente como os Irantxe(Manoki), Rikbaktsa, Kayabi, sob a direção jesuítica da Missão Anchieta (MIA). Sob o comando dos missionários e com a utilização intensiva da mão de obra indígena, as construções da Missão em Utiariti se ampliaram e os índios foram separados em grupos divididos por sexo e faixa etária, supervisionados por um mestre em todas as suas atividades.

Este período durou até 1980 quando a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), durante algum tempo, foi responsável pela educação escolar indígena em algumas aldeias (Kotitiko, Ilioce, Formoso e Cabeceira do Osso), porém o objetivo da escola ainda era o mesmo. Não havia ainda um protagonismo do povo Paresi nas suas escolas, nos conteúdos a serem ensinados.

Em 1987, o município de Tangará da Serra inicia o seu processo de inclusão da educação indígena, em sua secretaria de educação, e torna-se responsável pelas escolas das aldeias.

A Educação Escolar Indígena começa a buscar a sua autoidentidade e especificidade, de acordo com cada povo, e então, em 1996, a LDB promove a conquista dos povos indígenas de ter uma educação que valorizasse primeiramente a cultura do povo, colocando a escola, a partir deste momento, como fortalecedora da identidade do povo. Com isso, a formação dos professores, os conselhos municipais, estaduais e nacional, a construção de materiais didáticos específicos passa a ser pauta de discussão com o objetivo de melhor qualidade na educação indígena. O povo Paresi, de 1995 a 1999, tem sua primeira participação na formação de professores no projeto Tucum mediante a Secretaria de Educação (SEDUC).

Logo após, em 2001, surge o projeto de formação de professores, chamado 3º grau indígena, e após a formação da primeira turma em 2006, cria-se a primeira Faculdade Intercultural Indígena em Mato Grosso, com o objetivo de um ensino superior oferecido aos indígenas no qual se valorize primeiramente a cultura e a própria educação indígena no contexto da sua formação, refletindo sobre um currículo específico que fortaleça as raízes do povo de modo sistematizado em sala de aula.

A Hati é um dos principais componentes da cultura Haliti Paresi, porque envolve ancestralidade, cosmologia e espiritualidade, que são elementos muito significativos da essência do povo Haliti Paresi.

Dentro da Hati, a educação tradicional acontece de forma natural, por meio da oralidade, em que os anciões contam histórias, os pais aconselham os filhos sobre a vida, ensinam sobre comportamento e respeito, as mulheres ensinam as crianças sobre a cultura, os rituais, os costumes, etc.

A pajelança também é um ritual que acontece dentro da Hati, onde os pajés, com sua sabedoria, realizam curas com folhas sagradas, cantos, rezas e benzeção, guiados pelos espíritos da natureza, seres imortais e pelo Enoharetse (Deus supremo criador do mundo) e através da observação, os jovens compreendem e assimilam alguns conhecimentos que são repassados de geração em geração.

Dentro da Hati são realizados diferentes tipos de festa tradicional, como por exemplo, as pequenas oferendas, festa da menina moça, festa de batizado de crianças para receber o nome, festa de agradecimento pela saúde de um ente querido. Existem duas maneiras de fazer as festas tradicionais, uma é de curto período de preparação, que é apenas de um dia, que se encerra no dia seguinte bem cedo, já a outra forma é uma festa grande na qual o trabalho e a preparação são mais demorados e extensos, com duração de dois dias e duas noites. Neste segundo tipo de festa, convida-se mais pessoas, e os rituais são mais complexos e trabalhosos. Outra forma mais simples é a festa de oferenda, onde são feitos os preparativos dos alimentos e bebidas para serem oferecidos no mesmo dia ou no dia seguinte bem cedo. Em todas as festas tradicionais, os anciões e pessoas de idade cantam cânticos tradicionais do povo Haliti. Há vários cantos tradicionais como o zolane, zero e txihyali. Tem o cântico cerimonial, quando os pajé e anciões fazem conexão com os espíritos, seres imortais, aldeias celestiais, com os ancestrais do povo Haliti Paresi. Existe também cantos e rezas sagradas que são feitos em momentos de pajelança dentro da Hati.

Todos esses rituais são sagrados e requerem seguir normas e regras. Vale destacar que, nesses momentos, acontece a pedagogia indígena na prática e na oralidade.

3.3 Detalhamento da construção da Hati

É importante destacar sobre o formato e a definição da Hati, como bem podemos observar no relato de um dos pajés do nosso povo:

A Hati tem que ser construída com as portas de frente com Leste ao Oeste, isso para que as pessoas armem suas redes neste sentido. Quando deitar para dormir a cabeça deve estar voltada para o lado que o sol nasce, com o

rosto olhando para o lado onde o sol se põe, isso para não ter sonhos negativos, ou seja, pesadelos, assim sonhar só com coisas boas. Assim também quando a pessoa da família morre é enterrada dentro da Hati, com a cabeça no sentido em que foi explicado nesta narrativa, para que o espírito do falecido chegue ao mundo dos espíritos bons. Por isso, nunca se deve dormir com cabeça deitada para o lado onde o sol desaparece, e nem pode sepultar o ente querido voltado para esta direção, porque esse lado é dos espíritos maus. A Hati é para momentos alegres e para momentos tristes, dentro dela ocorre rituais como festas tradicionais com muita alegria, assim como também fazer rituais de muita tristeza, como velório e sepultura do ente querido, assim o pajé finalizou sua narração sobre a origem da Hati. (Pajé: Joãozinho Akonoizokae de 67 anos, relato editado).

Para construir a Hati, primeiro tem que ir à mata cortar madeira Makore (quari-quari), para os esteios, como veremos a seguir na Figura 2, a qual mostra a imagem da retirada da madeira na mata fechada. Para cortar e retirar a madeira da mata fechada, participam o arquiteto, os homens donos da Hati a ser construída e alguns familiares e membros da aldeia, que geralmente colaboram nesse momento. O período da derrubada da madeira ocorre no final do período chuvoso, que ocorre entre março e abril, e a retirada ocorre depois de deixar secar por algumas semanas, em que a madeira esta seca e mais ou menos leve para ser carregada, a retirada ocorre na época da seca, quando a chuva cessa.

Figura 2 – Jovens retirando madeiramento da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Os jovens que aparecem na foto são membros da família dos donos da casa, que estão colaborando na retirada das madeiras, e estão acompanhados e guiados pelo arquiteto. É uma educação indígena que faz parte do ensino-aprendizagem, são conhecimentos sistematizados, ou seja, pedagogia indígena na qual são feitos os ensinamentos da transversalidade. É um processo que envolve diálogo e planejamento. Desde a retirada das madeiras até a finalização da construção da Hati o diálogo e planejamento sobre o desenvolvimento dos trabalhos são de extrema importância.

Figura 3 – Carregamento das madeiras para o meio de transporte até a aldeia



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A madeira é carregada por jovens e adultos da comunidade e, para isso, ocorre um ritual de seu carregamento, isto é, neste momento, são feitas cantoria e orações para que tudo dê certo. Trata-se de um momento de muito aprendizado, sobretudo para os mais jovens para que aprendam a importância da Hati, para que nossa cultura não se perca. É um momento de muito diálogo, pois a escola é um espaço importante de formação e de manutenção de nossa cultura, de nossas epistemologias, e assim assume um lugar de ensinamento e aprendizagem da cultura e identidade, e desse modo, procuramos refletir sobre este aprendizado.

No contexto da importância da construção do conhecimento e dos processos da construção da Hati, o mais importante é dialogarmos sobre o conhecimento tradicional, que tem forma, normas e regras que devem ser levadas em consideração culturalmente no conhecimento antropológico.

Figura 4 – Carregamento da madeira



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Antigamente, o transporte do madeiramento era feito no ombro, pois não havia carro mesmo, mas hoje o transporte tem sido feito na carroceria de um carro. Nessa época, também a madeira específica para a construção da Hati era em abundância, mas hoje em dia as madeiras ficam muito distantes das aldeias, por isso é que tem de ir muito longe de caminhão para cortar e retirar as madeiras para Hati.

A madeira diminuiu porque a demanda é grande e são várias as aldeias onde são construídas a Hati anualmente, e os locais onde têm a madeira específica dentro do território não conseguem suprir. Também, alguns lugares que têm o tipo de madeira para a construção da Hati, ficaram fora do território, ou seja, dentro das terras dos fazendeiros, por isso, muitas vezes, para cortar e retirar a madeira, é preciso se deslocar para longe para encontrar a matéria-prima. Outro ponto a ser destacado é que o processo de recomposição da madeira demora e leva anos.

Importa ressaltar que antigamente, tínhamos abundância de matéria-prima, mas agora chegou a produção em larga escala até mesmo muito próxima do nosso território, e isso tem sido motivo de muito desconforto na comunidade. As situações que nos levaram a não ter mais esta abundância da madeira foram sua retirada para

levar para fora, e também, para plantar na terra. Temos muita preocupação com o futuro e com os conflitos, pois parte do nosso povo defende a produção em larga escala. É importante destacar sobre a causa da diminuição da matéria-prima para a construção de Hati, pois existem vários fatores que causam isso, destaco aqui alguns deles: o Território Paresi não é de abundância dessas matérias, pois certos lugares têm campal onde se pode encontrá-las, contudo, quando são achadas, as pessoas vão lá, cortam e acabam aquele campal, e como a madeira é nativa demora anos para reflorestar.

Outro fator a chamar a atenção, é quando acontece a queimada descontrolada, uma vez que queimam-se a madeira, palha e outros materiais que são utilizados na construção da Hati. Atualmente, as queimadas foram controladas por Brigadistas Indígenas do programa Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renovais Prevfogo-IBAMA.

No contexto desta dissertação, tive a oportunidade de trazer uma reflexão pensando no sentido de fazer um projeto de viveiro de reflorestamento, principalmente de madeira acariquara, buriti e guariroba, óbvio que é para o futuro, uma vez que este trabalho está defendendo a ARQUITETURA INDÍGENA HATI: a casa Hati Paresi, na comunidade, como forma de fortalecimento da identidade (figura 5):

Figura 5 – Travessas para a Hati



Fonte: Trabalho de campo (2021).

As travessas da Hati são retiradas da mata e carregadas em um caminhão; antes não tínhamos o caminhão, e eram carregadas no ombro pelos homens (figura 6):

Figura 6 – Preparação da Hati



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Aqui estão descascando as madeiras, essa é uma atividade feita por homens; as mulheres ajudam no preparo da alimentação, e preparando a forquilha, cavando covas para fincar os esteios para levantar a Hati. O processo de descascamento é feito pelo auxiliar do arquiteto e por algumas pessoas, homens, que são donos da Hati. O processo de secagem da madeira dura dias ou semanas, para só daí iniciar o descascamento das madeiras (figura 7):

Figura 7 – Erguimento inicial da Hati (colocação dos esteios principais e laterais da



Hati)

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Depois de cavar as covas, mais ou menos diâmetros de 30 centímetros, e mais ou menos de 1 metro de profundidade, de acordo com a medida e metragem feita pelo arquiteto de conhecimento indígena, que são pessoas mais velhas que já têm esses conhecimentos, ou jovens que os adquiriram com essas pessoas, os esteios são fincados e as travessas também são colocadas.

Arquitetos são pessoas que adquiriram este conhecimento por meio de seu pai, seu avô, ou de seu tio. O conhecimento sobre arquitetura é repassado de geração à geração, os detentores deste conhecimento possuem dom para isso, pois são certas pessoas que aprendem e dominam essa técnica, por isso nem todos os membros, homens da família, herdaram e aprendem esse conhecimento milenar (figura 8):

Figura 8 – Madeira já carregada e organização para prender os caibros (arcos) na carroceria do carro



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Retirada da madeira para caibro (arco) da Hati; existem variedades de madeira que se dobram, usadas para esta finalidade. Essas variedades são os tipos de madeiras para caibro como Ohikyatse, Makore, Zahitxixikatse, Idikyatihanalo, que expressam alguns dos tipos de madeira, utilizados como caibro por serem resistentes e dobráveis.

Figura 9 – Montagem da casa



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Nesta imagem, observamos os caibros (arco) da Hati sendo fincados. Esta técnica exige prática e conhecimento, por isso não é qualquer um que domina e aprende. Para a colocação dos caibros em torno da Hati, são feitas mini-covas a partir de 50 centímetros, sempre em pares, depois são colocados os caibros nas covas. Já para puxar e dobrar o caibro, é feita uma alavanca, o arquiteto sobe na parte de cima da Hati e duas pessoas com a alavanca puxam o caibro até encostar na parte da madeira (travessa que fica em cima dos esteios principais), essa hora requer técnica, força, calma, e cuidado, feito isso os caibros são prendidos com o arame queimado, dando o formato de arcos na Hati.

Figura 10 – O resultado final da colocação dos caibros (arco)



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

O resultado final culmina na colocação dos caibros (arcos) que formam a arquitetura da Hati, e tudo isso com a orientação dos arquitetos de notório saber.

Depois de fazer toda a armação dos caibros com o auxílio de uma alavanca e prender com arame queimado, são feitos os ajustes e acabamento dos arcos, como a retirada das pontas em excesso, travamento dos caibros com arame para dar resistência à Hati. Conhecimento tradicional que é passado para os jovens e reforçado na escola.

A arquitetura da Hati e sua construção é um conhecimento milenar que é transmitido de geração em geração, em que somente as pessoas com o dom de construtor domina esta técnica de forma concreta. Esse domínio requer dom e prática, o que se adquire mediante a observação e prática. O ensino-aprendizagem acontece de forma natural, é um conhecimento sistematizado e transversal. A construção da Hati ocorre de acordo com o tempo. O período mais propício para fazer a construção da Hati é no período da seca ou estiagem, para facilitar os trabalhos e a durabilidade/resistência da Hati.

Figura 11 – Coleta da folha da guariroba



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Esta figura mostra as pessoas preparando as folhas de guariroba após serem retiradas do cerrado ou campo, para serem fixadas na Hati. Um detalhe muito importante a se destacar é que, nesse momento, as comunidades da aldeia participam e colaboram no preparo das folhas, lembrando que essa é a circunstância que os alunos também participam do ensino e aprendizagem.

Figura 12 – Organização da madeira usada para ripa na carroceria do carro para prender com corda



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Retirada da madeira usada para processo de ripamento da Hati. A madeira utilizada para ripa é um tipo de palmeira, conhecida como açazinho do brejo (da família açai), é fina e subdividida em 3 ou 4 partes, o comprimento varia, o ripamento da casa é feito com pregos.

Figura 13 – Palha para a cobertura da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Depois do ripamento da Hati finalizado, o próximo passo é a cobertura da Hati, aqui na foto ilustra palha de Wakoli (guariroba) enfileirada debaixo da sombra da árvore. Esta técnica é utilizada para preservar a palha, se deixar de qualquer jeito, ou seja, no sol, seca e estraga a folha de guariroba.

Figura 14 – Coleta da folha da guariroba



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Este é o processo de ripamento da Hati, e depois do ripamento finalizado, o próximo passo é a cobertura da casa, que varia de região. Por exemplo, tem região que cobre a Hati de buriti e outras com palha de Wakoli (guariroba).

Figura 15 – Carregamento da palha de guariroba, cortada para local de referência para enfileiramento das palhas



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A foto ilustra jovens pegando palha de guariroba no cerrado. Esses jovens são trabalhadores e colaboradores, e tudo que mostra ensino-aprendizagem está dentro da pedagogia indígena, são momentos em que acontece, simultaneamente e naturalmente, o ensino da cultura de uma geração à outra através das amostragens dos materiais corretos.

Quando os trabalhadores Haliti vão para o mato para trabalhar, seja na derrubada de uma roça de toco, derrubada de madeira para construção de Hati, retirada de madeiramento da Hati, corte e retirada das palhas de cobertura da Hati, sempre vão preparado, levam matula, ou algumas mulheres vão junto e, lá no meio do mato mesmo, preparam a comida para os trabalhadores.

E em todos os momentos ao adentrar na mata, ou quando é retirado algo da natureza, é feita oferenda de algum presente, como óleo de cabelo, pente, bebida como xicha, cigarro para o *ser*, dono do local, pedindo licença e, ao mesmo tempo,

fazendo agradecimento, o ato de benzer também é um meio de comunicação com o dono do local.

A figura 16 apresenta jovens pegando palha de guariroba no cerrado. São jovens da comunidade que estudam na escola e que estão sendo preparados também para ir para a universidade.

Figura 16 – Preparo da palha para a cobertura da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Fazendo o preparo da palha de guariroba para iniciar o processo de cobertura da Hati. O preparo é feito da seguinte maneira: retira-se uma parte da folhagem da guariroba, depois é socada com um pedaço de pau, a região de delimitação da folhagem retirada e da folhagem intacta, para assim na hora de colocar a palha na ripa, fazer a dobra de encaixe da palha. Para este trabalho ser mais rápido as mulheres, as jovens e os idosos também ajudam.

Figura 17 – Preparo da palha para a cobertura da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Preparo da palha de guariroba finalizado. A foto ilustra os trabalhos de retirada de uma parte da folhagem de guariroba e depois socadas com pedaço de pau de madeira finalizadas, em que mulheres, jovens e idosos colaboraram para ser finalizado mais brevemente.

Figura 18 – Preparo da palha de guariroba finalizado para a cobertura



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A foto ilustra o início da cobertura da Hati com palha de guariroba, a cada 2 ripas com palha, é colocada outra ripa por cima da palha e amarrada com arrame, para evitar que a palha seja suspensa e jogada para fora na hora de ventanias fortes. Esse processo é feito a cada 2 ripas na última ripa de cima.

Figura 19 – Ilustrando o ripamento da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Aqui são mostrados o trabalho e a parte de colocar as ripas, onde se vai fixar as folhas de guariroba. Nesse momento, somente os arquitetos profissionais fazem essa parte, mas sempre conta-se com a observação das crianças em busca de conhecimento aprendido.

Figura 20 – Início da cobertura da Hati com palha de guariroba



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

O processo de cobertura da Hati leva de 15 a 30 dias para ser finalizado. Demora, pois envolve muita sabedoria e cultura de anciões e dos jovens que precisam aprender para manter a cultura do povo. Para finalizar no tempo estipulado, o trabalho deve ser integral de manhã e à tarde, e muitas vezes de noite também, nesse momento na cultura Haliti, quando uma pessoa de longe ou da aldeia mesmo que não esteja ajudando deve evitar de falar frases como “a casa está quase pronta” “estão trabalhando rápido demais” “logo e logo estão concluindo a Hati”, acredita-se que ao se dizer isso, prolonga o trabalho e demora para a Hati ficar pronta.

Figura 21 – Cobertura da Hati com palha de guariroba



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A foto ilustra a cobertura da Hati finalizada, e sendo colocada a palha de buriti como cumieira da Hati. Para fazer a cumieira é feita dobra bem no meio da palha de buriti, depois de colocada é prendida com pedaço de ripa por cima com arame, evitando assim que a cumieira se desloque de cima da Hati.

Figura 22 – Cobertura da Hati quase sendo finalizada



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A foto apresenta a última parte da construção da Hati para finalizar com a cobertura de colocar a folha de buriti como cumeeira, são detalhes muito importantes na construção, percebe-se que ali não entra reflexo de sol, vento, muito menos gotas de água quando chove.

Figura 23 – Hati coberta



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Após muitos dias de trabalho, a Hati está pronta para morar e realizar as atividades culturais. A imagem apresenta a Hati com vista de lado lateral, a qual situa-se na aldeia Rio Verde/MT.

Para construir a Hati sozinho demora mais dias para terminar a construção, com várias pessoas trabalhando a conclusão dos trabalhos se concretiza com menos dias. Porém, depende muito também do lugar que tem as matérias- primas, alguns ficam perto e outros se encontram distante da aldeia, esse é um dos fatores que está dificultando os haliti construir a casa tradicional. (Depoimento do construtor Júlio Cesar Kenazokaese, 38 anos.)

Figura 24 – Resultado final da construção da Hati, na vista lateral



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Esta imagem ilustra o resultado final da vista frontal da Hati, ou seja, toda coberta de palha de guariroba, com duas portas sendo uma voltado para leste e outra no oeste.

Figura 25 – Resultado final da vista frontal da Hati



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

A figura 25 mostra o interior de uma Hati, logo que fica pronta, e logo receberá pessoas e tudo o que necessário para as manifestações culturais; o aterramento é feito com barro; antes de mudar para dentro da Hati é feita fogueira dos dois lados entre os esteios da Hati para fazer fumaça, para expulsar insetos que podem danificar a palha, esse processo também é feito para dar resistência às palhas.

A seguir, apresento um relato de uns dos construtores desta Hati a qual registrei os passos de sua construção por meio das imagens que se fazem presentes neste trabalho:

Eu sou, Leandro Nenezokae, tenho 28 anos, sou construtor de casa tradicional e já tenho bastante experiência na construção. Desde quando eu era criança sempre acompanhei as construções da Hati na minha comunidade. Com isso aprendi muito, porque na fase de criança que acontece aprendizado sobre conhecimentos tradicionais. Aos 16 anos participei diretamente na construção da Hati da minha mãe, como construtor e apenas com a orientação do meu tio Elizeu que é um construtor

tradicional. Essa é primeira Hati que fiz no meu comando somente com colaboração do meu pai e do meu cunhado. A partir dali já construí muitas casas tradicionais e hoje sou uma pessoa experiente na construção. Eu aprendi tudo isso de acordo com o conhecimento tradicional que o povo Haliti Paresi tem na cultura, na qual eu observei, ouvi e pratiquei o ensino das pessoas na construção.

Para aprender a construção da casa tradicional do povo Haliti Paresi não é difícil. É preciso a pessoa querer aprender. Observar, ter curiosidade, ouvir bastante as pessoas que constroem a casa e praticar. Para ser construtor de casa tradicional, a primeira coisa você tem que aprender o princípio da casa e ter maior respeito por aquilo que você faz. O principal para ser construtor tradicional completo é ter conhecimento, habilidade e técnica tradicional. (Depoimento do construtor Leandro Nenezokae, 28 anos).

Eu aprendi a construir a Hati com o meu primo Nenezokae, quando ajudei ele a construir a Hati do meu Avô Zaloinae, mas antes eu vinha observando as construções das Hati com os construtores tradicionais, sempre eu tinha essa curiosidade de acompanhar ver e reparar as construções em silêncio. Um dia desse a minha mãe queria uma Hati pra ela, pensei eu falei com os meus irmãos: - Vamos fazer a Hati para nossa mãe, vocês me ajudam? E da minha parte tinha ansiedade de fazer essa experiencia na prática, como os meus irmãos concordaram, colocamos a mão na massa.

Assim iniciou a obra, sem procurar nenhuma orientação do construtor tradicional, apliquei tudo o que eu aprendi, o que eu vi, o que observei com os mestres tradicionais, não é que eu consegui construir a Hati da minha mãe, por isso hoje me considero mais um construtor da Hati que irá fortalecer conhecimento tradicional do Povo Haliti. (Depoimento do Oseias Nenezokae, 24 anos).

Para aprender a construir a Hati é importante acompanhar as pessoas experientes que têm este dom e habilidade em construir Hati, e também tem que ser curioso, observador e participativo, e a prática é importante no conhecimento tradicional. E com a prática vai aprimorando o aprendizado, é importante também confiar e acreditar a si mesmo que é capaz de fazer e construir a Hati. (Depoimento do construtor Reginaldo Naizoke, 33 anos, da Aldeia Estivadinho).

Esses relatos são importantes, pois é a sabedoria de quem ensina a fazer a Hati. Eles ensinam também que para fazer a cobertura da casa da flauta sagrada, que é uma Hati pequena, são guardados esses instrumentos sagrados, só os homens podem entrar na casa da Iyamaka (Flauta Sagrada), porque vai acontecer uma festa tradicional. As mulheres não podem entrar e nem ver o que tem dentro da casa que é a Iyamaka; na cultura Haliti se a mulher a vir, pode adoecer espiritualmente e se não for curada pelo pajé, ela pode morrer. A mulher não pode entrar na casa de Iyamaka (Flauta Sagrada) pelo fato de que, desde a história dos nossos ancestrais, o instrumento sagrado que fica dentro da Iyamaka Hana tem uma

conexão direta com os Espíritos Sagrados e os Espíritos Celestiais que são de grande respeito.

Figura 26 – Interior da Hati



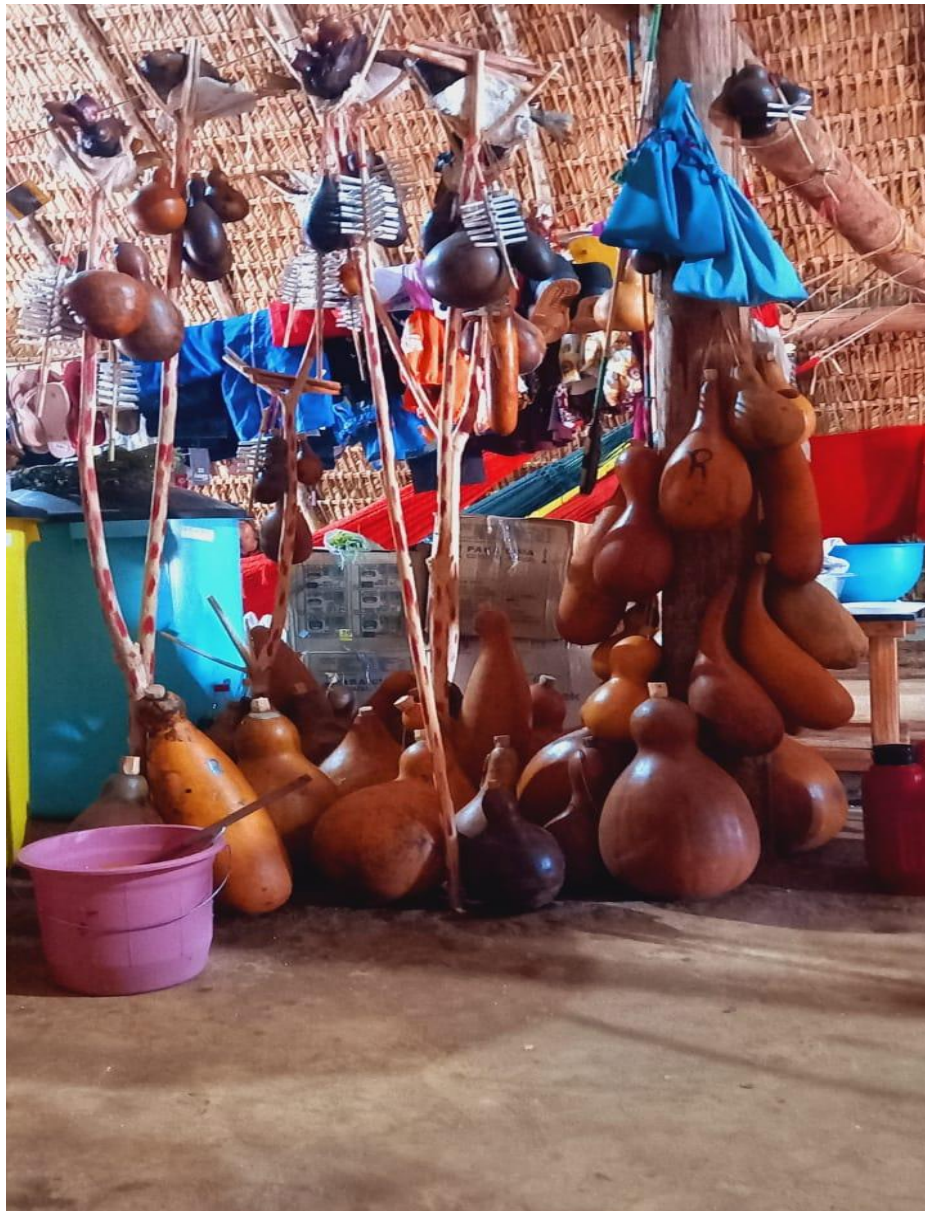
Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Esta imagem já mostra a Hati organizada para a morada. Dentro dela existem três esteios, o mais principal e sagrado é o que fica no meio e no cento da Hati, onde é colocada a cabaça com xicha, cigarro para os espíritos, Enore (Deus), também é nesse esteio que é colocado Kore waiyeze (flecha sagrada), txihyali (um instrumento parecido com besouro feito de cabaça) e zero (uma flauta de pá. Esses três são instrumentos sagrados que todos podem ver. As redes são armadas em qualquer parte e canto da Hati.

A Hati atende as dimensões conforme o contexto cosmológico do povo Haliti Paresi, que deve seguir as regras e normas de ocupação. Internamente, no interior da Hati, não há distinção de classe e espaço de ocupação, por isso não existe divisões iguais de uma casa de alvenaria com divisórias; o lado da porta, voltado para o Weteko (pátio da aldeia), nunca deve ser usado para acender a fogueira.

Está sempre deve ficar ao lado da porta contrária ao Weteko (pátio da aldeia), onde também é colocado um Matyae (Girau) acima do local da fogueira.

Figura 27 – Hati ocupada



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Após a construção da Hati terminar, faz-se a oferenda para chamar Enore Tawakaihyore que é o nosso Deus. Então, para nós, isso é muito sagrado e tem

importância em nossa memória, seus discípulos são convidados para compartilhar os alimentos e os objetos que estão expostos em torno da Kotaza (Esteio do meio da Hati), assim os anciões e Pajés fazem suas rezas de agradecimento, é o momento mais importante de ensino e aprendizagem cultural para os jovens.

Durante esse cântico cerimonial, é feito agradecimento a Enoharetse Towakaihyore, aos antepassados, aos espíritos da natureza, aos seres imortais, espíritos donos da flauta sagrada e flecha sagrada, pela proteção, fartura, benção, renascimento de ente que estava doente e quase morreu. É também o momento de renovação e purificação, de pedido de novas benções. Neste momento, são lembrados todos os terreiros sagrados que existem no mundo celestial, do mundo sobrenatural e do mundo onde estamos vivendo, é a forma de comunicação entre o homem comum com o mundo espiritual.

Há diferentes formas de iniciar o cântico cerimonial, isso depende da forma de conhecimento de cada ancião e pajé que sabem esta prática milenar. Na subsequência apresento um pouco do trecho de como é falado. São conhecimentos que não têm tradução e não devem ser traduzidas, somente os que têm esse dom podem aprender e lembrar desse conhecimento, e repassar para seu sucessor; é uma sabedoria secreta e rica, ampla e complexa, repleta de códigos e palavras científicas. Quase que secreta, então, para nós, isso é muito sagrado e tem importância em nossa memória, seus discípulos são convidados:

kala nityaetse halini namohetehena zomana jitso ako akityerenae, ezahe hitso wikyawa nomatsehare, eye hare hajikyako hamawaiye tyakohaloneha hiyeta owene waiye ozaka aohetehena jihiye jitxiyityonae jikwawanahiyatya tseronae ehare hahiye kanalaotsetyaka hiyeta haomanaha wahakotyaka hiyeta zaimya katyahiti mohetehena waiyeze talalahaliti hiyeta ezahe hoka hakawa niyaka aohetehena hakaiyana heteratyaka aohetehenaha jhiyeta, eyoooooooooooo....kala iyautseta hetati zowakiya enoharetse taita ene hamenaneharene kakwa ali waiye akitya matse zolanawekwa koiyatidikyoa tyauunita ene.

Figura 28 – A Hati no território



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Vista da chegada na aldeia Cabeceira do Urubu, a Hati do pajé Joãozinho Akonoizokae e do seu filho Osvaldinho, em uma das visitas para fazer pesquisa de campo.

Figura 29 – Os artesanatos



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

A figura 28, mostra a vista interna da Hati com a cobertura de buriti, casa do pajé Joãozinho Akonoizokae. Não resta dúvida que ensinar a valorizar a Hati para que não se perca na comunidade sobretudo com os mais jovens e é por isso que procuramos estudar sobre a educação escolar indígena.

3.4 A Hati da Iyamaka

A casa de flauta sagrada é construída por famílias que possuem esse instrumento sagrado, e quando for acontecer uma festa tradicional, a casa sempre é renovada. Ela é uma Hati bem menor. Para realizar Oloniti Kaloreze (grande festa tradicional), todas as coisas devem ser novas, por ser um ritual de renovação e fortalecimento.

A Hati da Iyamaka, que é um instrumento sagrado formato de flauta, tem que ser reformada. Para realizar a grande festa tradicional tudo deve ser novo, por ser um ritual de renovação e fortalecimento.

A LDB/96 garante a nós, povos indígenas, os conhecimentos tradicionais de cada povo de modo específico; trabalhar de forma didática e sistematizada em sala de aula. No processo de ensino-aprendizagem, dentro da escola, é sempre trabalhado com os alunos indígenas, duas realidades completamente diferentes uma da outra: a educação indígena, que também pode ser denominada de pedagogia indígena; e a educação escolar, que são os conhecimentos da sociedade não indígena, para a comunidade escolar de uma escola indígena. É essencial que os dois mundos sejam trabalhados de forma equilibrada e simultânea. O aluno indígena é preparado para ser um cidadão reflexivo e crítico, e a abordagem de um tema relevante na cultura do povo a qual ele pertence é muito importante e interessante para o desenvolvimento e a formação do intelecto-psíquico deste aluno indígena. Então, analisando neste sentido, compreende-se que, dentro de uma escola indígena, já são trabalhadas com esses alunos as bases e rumos referenciais da educação escolar.

A pedagogia indígena é um campo amplo que abrange e interage com diversos conhecimentos e saberes indígenas dos povos originários, mesmo com a transformação e avanços da tecnologia e de conhecimentos da sociedade não indígenas. Os saberes milenares dos povos originários são repassados de geração à geração mediante as oralidades e práticas que ainda resistem no tempo. E, atualmente, é muito desafiador para manter este conceito, visto que muitos fatores já estão interferindo de forma direta e indireta na cultura de alguma forma.

O desafio para o professor na educação escolar indígena é sistematizar esses conhecimentos tradicionais, como da Hati nas disciplinas. No caso da Hati pode-se trabalhar de modo interdisciplinar através de projeto, podendo ser semanal, ou quinzenal, conforme o professor preferir.

No quadro 1, a seguir, apresento um exemplo de planejamento de aula para a turma do 1º ano do ensino médio, com um tema central, neste caso, a Hati:

Quadro 1 – Planejamento de ensino: Hati como tema gerador

Tema: Hati

Segunda -feira

Língua Materna - leitura do texto “Origem do povo Haliti” analisando com os alunos onde se fala sobre as casas, em quais momentos. Interpreção oral e escrita.

Matematica- formas geométricas da hati

Terça-feira

História indígena Haliti Paresi - convidar um ancião para narrar uma história sobre a Hati.

Ciências - a importância da preservação do meio ambiente para a construção de novas e futuras Hati.

Quarta feira

História – apresentar para os alunos materiais que relatam, do ponto de vista do não indígena, a Hati. Convidar um construtor de Hati para contar como se constrói uma casa, com todos já dentro de uma delas observando-as enquanto ouvem o instrutor.

Quinta feira: dividir os alunos em grupos para que possam construir uma maquete.

Sexta feira

Os alunos, em seus respectivos grupos, apresentarão suas maquetes

para toda a escola. Encerraremos com uma dança e com um ancião convidado para cantar.

Fonte: elaboração própria do autor.

Diferente dos não indígenas, um professor Paresi, na maioria das vezes, não terá um material didático preparado com um conteúdo da cultura, para de forma mais simples, planejar sua aula, então, precisará recolher informações com os anciões, trocar experiências com outros professores Paresi para só então construir seu planejamento.

O RCNEI assegura que [...] “a construção de uma pedagogia indígena vai ocorrendo com o trabalho de cada professor, em conjunto com sua comunidade educativa”, reforçando o que eu afirmei em linhas atrás, que o planejamento na educação escolar indígena é construído em conjunto, pensado na cultura e apresentado ao aluno de forma sistematizada, construindo então um material rico para o povo/escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquitetura Haliti Paresi é um tema de suma importância por tratar do conhecimento tradicional acumulado para a construção da Hati. A arquitetura indígena (Oca), nos últimos anos, tem ganhado certa visibilidade por conta do trabalho de professores e arquitetos como o professor José Afonso Portocarero, que em 1992, projetou a sede da ADUFMAT (Associação dos Docentes de Mato Grosso) como réplica de uma Oca Indígena.

As tecnologias Haliti Paresi, para a construção das casas tradicionais, aparecem discutidas em trabalhos importantes como o do professor Portocarrero (2010). Em seu livro “Tecnologia Indígena em Mato Grosso: habitação”, esse mesmo autor destacou aspectos das tecnologias construtivas Haliti Paresi como importantes contribuições para as tecnologias construtivas contemporâneas.

Esta pesquisa contribuiu para uma breve reflexão sobre a importância da Hati no contexto pedagógico do povo Haliti Paresi, fortalecendo a identidade do povo através do currículo escolar específico, diferenciado, e pensado também numa soma à discussão dos saberes tradicionais na sistematização da cultura na educação escolar indígena. Vale ressaltar que é muito importante esta discussão, já que os saberes tradicionais são as principais bases da formação de uma educação escolar indígena específica e diferenciada.

REFERÊNCIAS

AZOINAYEE, Rony. **Série especial:** Etnia Haliti-Paresi mantém viva a cultura tradicional indígena no Mato Grosso. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022/serie-especial-etnia-haliti-paresi-mantem-viva-a-cultura-tradicional-indigena-no-mato-grosso#:~:text=A%20casa%20tradicional%20ou%20hati,a%20m%C3%A3e%20e%20a%20av%C3%B3>. Acesso em: 22 dez. 2022.

AZONAYCE, Rony Walter. **A Simbologia e Significado do Grafismo da Arte do Povo Haliti-Paresi** FAIND: UNEMAT, Barra do Bugres, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 52. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

HALITI PARESI. **Plano de Gestão Haliti Paresi**. 2019. Disponível em:

NAZOKEMAI, Pedro; PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. Arquitetura indígena Hati: A casa Haliti Paresi. *Revista de Comunicação Científica – RCC*, v.1, n. 7, p. 73-79, jan./maio 2021. ISSN 2525-670X. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PORTOCARRERO, José Afonso. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso :** habitação. Cuiabá, MT. Entrelinhas, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

ZITKOSKI, Jaime José. Visões epistemológicas da ciência. **Caderno Pedagógico**, ano VI, n. 11-12, URI. Frederico Westphalen, 1996.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



PEDRO NAZOKEMAI



OFICINA DE CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DA HATI DO POVO
HALITI PARESI

BARRA DO BUGRES
JULHO/2022



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



PEDRO NAZOKEMAI

OFICINA DE CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DA HATI DO POVO HALITI PARESI

Produto Pedagógico apresentada à
Universidade do Estado de Mato Grosso,
como parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação Educação Intercultural
Indígena para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição
Patrocínio Pereira.

**BARRA DO BUGRES
JULHO/2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

PEDRO NAZOKEMAI

**OFICINA DE CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DA HATI DO POVO
HALITI PARESI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 28 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira (PPGECEII/UNEMAT)
Orientadora

Profª. Drª. Maria Helena Rodrigues Paes (PPGECEII/UNEMAT)
Examinadora Interna

Profª. Drª. Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira (PPGECEII/UNEMAT)
Examinadora Interna

Prof. Dr. José Afonso Botura Portocarrero (UFMT)
Examinador Externo

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: visita <i>in loco</i> as construções da Hati.....	11
Fig. 2: Hati do cacique Jovenal Azomare.....	13
Fig. 3: visita <i>in loco</i> as construções da Hati.....	14
Fig. 4: Alunos fazendo anotação das falas do cacique Jovenal Azomare.....	14
Fig. 5: Os alunos também fizeram visita <i>in loco</i> da segunda Hati que estava sendo construído, ainda na fase inicial.....	15
Fig. 6: Coleta de material.....	16
Fig. 7: Peça de material prensado sendo medido e preparado para fixação da maquete.....	17
Fig. 8: Utilizando o material pedagógico para facilitar o trabalho.....	17
Fig. 9: Fixando os gravetos para fazer a maquete.....	18
Fig. 10: Após a maquete pronta fazer registro do trabalho.....	18
Fig. 11: Maquete pronta após a apresentação para na sala para comunidade escolar.....	19
Fig. 12: Mosaico de fotos da Oficina de construção da maquete.....	21

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
1. O TRABALHO PEDAGÓGICO.....	08
2. ATIVIDADES REALIZADAS.....	10
2.1 Roteiros de Perguntas de Atividades....	10
2.2. Registro do material pedagógico.....	11
2. OFICINA DE CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DA HATI	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

APRESENTAÇÃO

O tema deste Produto Pedagógico é a Hati, a casa tradicional do povo Haliti Paresi. Justificamos a importância deste trabalho, pois consideramos que o aluno deve aprender a conhecer a Hati e consequentemente o fortalecimento deste conhecimento milenar e tradicional do povo Haliti Paresi.

Assim, este produto pedagógico teve o objetivo geral de contribuir com a conceituação da produção de material pedagógico para professores e para a escola; foram objetivos específicos: aprender e ensinar a construção da maquete da arquitetura Haliti Paresi; bem como realizar aula prática com os alunos para a com a construção da maquete, demonstrando três fases de construção da Hati; e motivar os alunos sobre a importância de fortalecimento e preservação deste conhecimento tradicional e milenar da cultura Haliti Paresi.

1. O TRABALHO PEDAGÓGICO

A partir do momento em que pensei de realizar um trabalho pedagógico com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Indígena Malamalali, com tema HATI, (Casa tradicional do povo Haliti Paresi), no contexto de sua importância, valorização e fortalecimento, em um trabalho que faz parte da defesa da dissertação de Mestrado. Para realizar este trabalho foi necessário fazer um plano de aula e elaboração de um roteiro. É preciso considerar que a Educação Escolar Indígena é primeiramente um ato de resistência a todo o processo que os povos indígenas passaram desde a invasão destas terras, logo depois chamada Brasil. Darcy Ribeiro (1995) diz que “exterminaram, simultaneamente, milhares de povos que antes viviam em prosperidade e alegria, espalhados por toda a terra com suas línguas e com suas culturas originais”. Por isto, a educação formal entre os povos indígenas se torna parte da luta pela autonomia e respeito de cada cultura.

Entre a teoria e prática a Educação Escolar Indígena também segue teóricos não indígenas que foram excepcionais na construção das teorias da educação. Quando falamos no currículo, no planejamento como um todo, desde as formas de trabalho administrativos como pedagógicos, o professor inserido na educação escolar indígena, assim como o aluno, precisa ser um indivíduo pesquisador dos conhecimentos do próprio povo como também do “mundo” dos não indígenas.

Freire (1996) nos ensina que professores não ensinam sem pesquisa, assim como não tem pesquisa sem ensino. E esta construção está em nossos corpos e práticas cotidianas. Enquanto ensino vou construindo minhas práticas, novos fazeres, vou me construindo no corpo do Outro. Na vida do Outro. Vou construindo fazeres e conhecimento na pedagogia da pergunta.

Conforme o plano de aula que formulamos, comecei o trabalho com a leitura do artigo ARQUITETURA INDIGENA HATI: A CASA HALITI PARESI, a partir da leitura realizada dentro da sala de aula com os alunos, fizemos reflexões e debates sobre o artigo, e a partir da discussão foi feita uma atividade abordando o assunto de forma verbal e escrita com questionários e respostas.

Para dar continuidade aos trabalhos fizemos visita *in loco* em uma aldeia próxima, onde estava sendo construído duas, uma que estava na fase de cobertura com palha de guariroba e a outra que estava ainda na fase inicial de construção,

com esta visita in loco os alunos também fizeram entrevistas com o cacique Juvenal Azomare, um dos donos de uma das Hati, e também com os construtores (arquitetos) sobre a importância da Hati, a valorização e o fortalecimento deste conhecimento tradicional e milenar do povo Haliti Paresi. Conforme os roteiros elaborados, as perguntas e dúvidas que surgiram durante a reflexão e o debate dentro da sala de aula com os alunos, foram feitos questionários para que sejam respondidas e esclarecidas durante a visita e entrevistas realizadas com os donos da Hati e os construtores.

Como no plano de aula foi abordado aula prática com os alunos, onde pede a construção de maquete para fazer um trabalho pedagógico, todas as atividades foram realizadas dentro da sala de aula e algumas fora da sala de aula, que foi acompanhado pelos professores, os trabalhos e atividades propostas foram realizados dentro do horário normal de aula. As atividades de campo propostos e estabelecidos com os alunos foram realizados dentro do horário de aula no plano de aula em uma semana. Assim foram realizadas as atividades conforme a orientação dos construtores e conforme a observação feita durante a visita in loco. O trabalho realizado teve resultado satisfatório.

Após construção da maquete pronta, foi proposto também fazer a apresentação do trabalho realizado com os alunos para a comunidade escolar, e foi feita a apresentação por alunos, os pais e a comunidade gostaram muito este método de ensino realizado com os alunos, e disseram: - Que é assim que queremos que nossos filhos e filhas aprendam uma educação específica e diferenciada dentro da escola, para fortalecer a nossa cultura. Outro ponto que também destacaram é que temas que aborda sobre a cultura Haliti Paresi é importante para o fortalecimento, valorização e preservação da cultura, e que a escola tem um papel fundamental neste processo.

Assim foi realizado e finalizado este trabalho com resultado satisfatório, e quem ganha com isso é a escola e os alunos, que aprendem os conceitos da cultura Haliti Paresi dentro da escola.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

1. Leitura do artigo que aborda e destaca sobre a Hati;
2. Reflexão sobre texto lido e comentários;
3. Atividades com questionários;
4. Visita in loco as duas construções da Hati com os alunos, uma na fase inicial e outra na fase de acabamento;
5. Entrevista com os donos da Hati e com os construtores;
6. Coleta de matérias primas para construção da maquete,
7. Construção de maquete pedagogicamente;
8. Apresentação do trabalho final para os pais e a comunidades.

2.1 Roteiros de perguntas de atividades de Campo

1. Conforme a leitura e a reflexão do artigo, o que você achou do texto?
2. O que chamou mais sua atenção no texto?
3. O povo Haliti Paresi manteve muito forte a construção da Hati? Qual é a sua opinião?
4. De acordo com a visita in loco de uma Hati, que está em construção, faça uma observação detalhada.
5. Faça uma entrevista com o dono da Hati, ancião ou construtor.
6. Faça um texto conforme a visita in loco e a entrevista realizada.
7. Faça um grupo de 5 alunos e construa maquete.

2.2. Registro de Material Pedagógico

Fig. 1: visita *in loco* as construções da Hati



Fonte: Autoria Própria (2022).

Conforme o plano de trabalho pedagógico, os alunos acompanhados dos professores, dentro do ônibus escolar, indo para a aldeia que fica 04 km da escola fazer visita *in loco* das construções da Hati.

Fig. 2: Hati do cacique Jovenal Azomare



Fonte: Autoria Própria (2022).

Os alunos observando e anotando os detalhes de uma construção e a explicação da importância e significado da Hati pelo cacique Jovenal Azomare, dono da Hati.

Fig. 3: visita *in loco* as construções da Hati



Fonte: Autoria Própria (2022).

Fig. 4: Alunos fazendo anotação das falas do cacique Jovenal Azomare.



Fonte: Autoria Própria (2022)

Fig. 5: Os alunos também fizeram visita *in loco* da segunda Hati que estava sendo construído, ainda na fase inicial.



Fonte: Autoria Própria (2022)

Os estudantes observaram os tipos de madeiras que são utilizadas para levantar a estrutura principal da construção e fazendo entrevista com os construtores.

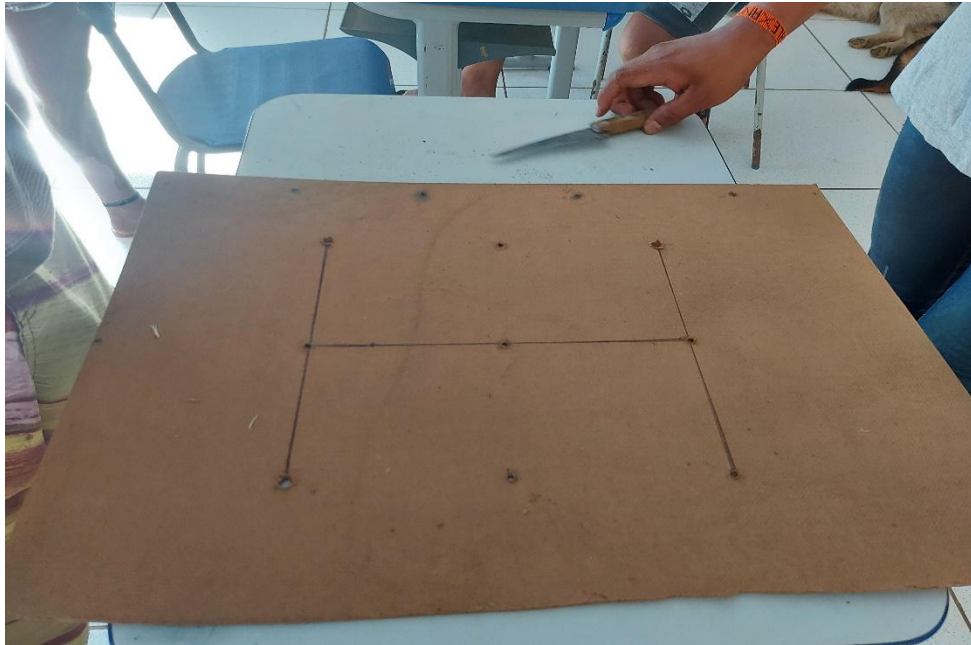


Fig. 6: Coleta de material

Fonte: Autoria Própria (2022)

Toda a coleta de matéria prima do mato foi orientada e acompanhada pelos professores Pedro Nazokemai, Elismara Cristina Nazokemai, Oseias Nenezokae e Tereza Cistina Kezonazokero. Após a matéria prima coletado da mata o grupo se juntou para fazer um registro de foto.

Fig. 7: Pedaco de material prensado sendo medido e preparado para fixação da maquete.



Fonte: Autoria Própria (2022).

Fig. 8: Utilizando o material pedagógico para facilitar o trabalho.



Fonte: Autoria Própria (2022).

Fig. 9: Fixando os gravetos para fazer a maquete.



Fonte: Autoria Própria (2022).

Fig. 10: Após a maquete pronta fazer registro do trabalho.



Fonte: Autoria Própria (2022).

Fig. 11: Maquete pronta após a apresentação para na sala para comunidade escolar.



Fonte: Autoria Própria (2022).

3. OFICINA DE CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DA HATI.

A oficina de construção de maquete foi realizada no dia vinte três de junho de dois mil e vinte dois, no período vespertino, o trabalho foi coordenado por mim professor Pedro Nazokemai, mestrando, juntamente com os alunos e professores Oseias Nenezokae, Tereza Cristina Kezonazokero, Elismara Cristina Nazokemai, diretor Willian Mars Cristiano Nazokemai do ensino médio da Escola Estadual Indígena Malamalali, situado na Aldeia Rio Verde, Terra Indígena Paresi, município de Tangará da Serra-MT, fomos para aldeia Kotitiko que fica quatro km da escola, para visitar e fazer pesquisa de campo sobre Hati (casa tradicional) do povo Haliti Paresi, onde estava sendo construído duas Hati.

O objetivo deste trabalho foi aprofundar o conceito sobre a arquitetura da Hati e sua importância na cultura e organização social da sociedade Haliti. Os alunos foram de micro-ônibus da escola até a aldeia vizinha, chegando na aldeia Kotitiko, os alunos, os professores, o diretor foram recepcionados pelo Cacique na aldeia senhor Jovenal Azomaré, inclusive uma das casas que estava em construção é casa do cacique, e a outra era do seu filho José Azomaré, a casa do cacique estava em processo de cobertura com palha de guariroba, e do filho ainda estava no processo de colocação dos esteios principais e laterais e também das travessas.

Dentro da casa em construção foi feito uma breve contextualização do objetivo da visita dos alunos para o cacique, que é um ancião conhecedor das histórias tradicionais, ele entendeu o objetivo do trabalho e começou a contar história da Hati. As histórias tradicionais tem importância na cultura e espiritualidade do povo Haliti Paresi, o cacique relatou que é grande a preocupação com a cultura do povo Haliti Paresi.

A preocupação é um dia adormecer e os mais jovens não procurar conhecer e a valorizar a cultura, e destacou que estes tipos de trabalho que está sendo feito no Mestrado da Unemat é bom, e que a escola deve conscientizar e despertar a importância da cultura Haliti aos jovens, foi um momento muito interessante onde os alunos tiveram uma aula de acordo com a pedagogia indígena. Hoje diversos saberes indígenas tem sido repassado pelo cacique para os alunos, feito isso, os

alunos também foram fazer visita no local onde estava sendo construído a casa do filho do cacique, onde dois arquitetos estavam trabalhando.

Mais uma vez, foi feito uma breve introdução sobre o motivo da visita dos alunos que era uma pesquisa de campo, os dois arquitetos senhores Júlio Cesar Kenazokaese e Valdimir Mayaré também contextualizaram como aprenderam a fazer Hati, ambos disseram que aprenderam com os pais e avôs, que é uma pratica e técnica que requer dom de ser construtor. Para fazer a Hati é necessário a participação de dois ou mais pessoas para o trabalho fluir, pois só uma pessoa não consegue erguer os madeiramentos para construir uma Hati.

Os construtores acharam importante o trabalho e a iniciativa da escola com essa metodologia de trabalho com os alunos, após isto agradecemos o cacique e os dois arquitetos por compartilharem os seus conhecimentos e experiências, e retornamos para a escola onde eu fiz um breve comentário com os alunos sobre a visita, o que eles acharam da visita e pesquisa de campo feito na aldeia Kotitiko, todos os alunos disseram que gostaram, que foi uma experiência ótima, e que foi um momento de aprendizado com as informações coletadas durante a visita, na sequencia expliquei para os alunos qual seria o próximo passo e de que forma seria feito que é a confecção de maquetes que represente os processos de construção de uma Hati.

A confecção da maquete com os alunos ocorreu no dia 04 de julho de 2022, no período vespertino dentro da escola, onde no primeiro momento contextualizei para os alunos de como seria os trabalhos, depois de fazer explicações dividi os alunos em três grupos, o primeiro grupo ficou responsável de fazer maquete onde representa somente a parte de colocação de esteios principais e laterais, o segundo grupo ficou responsável pela maquete onde demonstrasse a fase com finalização de colocação dos arcos. Já o terceiro grupo ficou responsável para construir um maquete onde mostrasse uma Hati finalizado com a cobertura de palha, feito isso, fomos na mata para pegar gravetos de madeiras finas a ser usado no processo de confecção da maquete, os gravetos foram coletados próximo da mata perto da aldeia, depois de pegar todos os materiais os alunos fizeram todo o processo de preparação dos gravetos igualmente é feito no preparo dos madeiramentos usados na construção de uma Hati, feito esse processo as maquetes foram sendo confeccionados pelos alunos com auxílio dos professores, as três maquetes ficaram

prontos parcialmente, faltou alguns detalhes para fazer finalização, a maquete que representa a fase da Hati com os arcos foi concluído, já a maquete com representação dos esteios faltou somente o acabamento, já a maquete com representação de uma Hati com a cobertura de uma palha os alunos ficaram de finalizar porque requer mais trabalho, técnica, e detalhe.

Assim foi realizado este trabalho, conforme as fotos abaixo.

Fig. 12: Mosaico de fotos da Oficina de construção da maquete.









Fonte: Autoria Própria (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Produto Pedagógico é parte de todo um contexto educacional Haliti Paresi, onde se trabalha de forma interdisciplinar, valorizando e priorizando a cultura.

Concluimos que o trabalho realizado com os alunos do ensino médio da escola Estadual Indígena Malamalali, foi muito importante no processo de ensino aprendizagem dos alunos, porque foi trabalhado de forma específica e diferenciada onde a pedagogia indígena com sua pluralidade e transversalidade e conhecimentos sistematizados foi implementado com os alunos, foi um momento de compartilhamento de saberes e experiências, onde dentro da escola e através da educação é possível realizar trabalhos desta importância com os alunos para o fortalecimento da cultura Haliti Paresi.

A construção da Hati abrange e interage com os conhecimentos ancestrais, cosmologia e da espiritualidade do povo Haliti Paresi, porque a Hati é um dos elementos essenciais da identidade e da cultura na sociedade Haliti Paresi, por isso este tema foi escolhido para ser trabalhado dentro da escola com estes alunos. No dia 05 de julho de 2022 no período da manhã os alunos fizeram apresentação dos trabalhos aos professores e ao diretor, teve também a participação dos pais dos alunos para avaliação final, a metodologia utilizada foi elogiada por todos.

REFERÊNCIAS

HALITI PARESI. **Plano de Gestão Haliti Paresi**. 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PORTOCARRERO, José Afonso. **Tecnologia Indígena em Mato Grosso**: habitação. Cuiabá, MT. Entrelinhas, 2010.

KEZONAZOKERO, Tereza Cristina. **O Ensino da Língua Materna na Escola da Aldeia Rio Verde**: preservação e fortalecimento. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Barra do Bugres. 2016.